

CONTOS DO ROSA

A sketch of a city street scene. On the left, a building with several windows and a street lamp is visible. In the center, a street leads towards a building with a gabled roof. On the right, a bicycle is parked. The drawing is done in a loose, sketchy style with many lines.

Contos do Rosa

Igor Gadioli
Organizador

Jordilson
2014

Organização:
Igor Gadioli

Contos do Rosa

São Cristóvão - SE

Copyright: Grupo de Escrita Criativa da UFS, 2018.

Editor Geral:

Igor Gadioli

Revisão:

Cathy Martins

Igor Gadioli

Rosinadja B. S. Morato

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Rosinadja B. S. Morato

Ilustrações

Joédson Lima dos Santos

Editora

Infographics

Livro no prelo – Versão E-Book

Xxx

Contos do Rosa. /Organizador: Igor Gadioli. – São Cristóvão, SE; Universidade Federal de Sergipe. – Infographics, 2018.

101p. il. Color

ISBN- XXX-XX-XXXXX-XX-X

1. Conto – Literatura; 2. Escrita Criativa – Redação.

CCDU XXX.XX+XX.XXX

CCD XXX.X

SUMÁRIO

Prefácio.....	5
Travessia I (Adauri José)	11
Quatro casas(Hellen Oliveira)	16
Contos do bazar(Kamila de Oliveira)	21
Outro lugar (Katherine Albuquerque)	28
Do Rosa para o céu (Thainná Melo)	38
Casas da vida (Katherine Albuquerque)	45
D. Jovandi e os aluguéis (Laís Carvalho)	55
Voinha (Giu Pereira)	60
Praça da alegria (Igor Gadioli)	70
Travessia II(Adauri José).....	75
Pontes (Pedro Paulo)	80
Natal na Praça (Thais Medeiros)	92
Sobre os autores	98
Colaboradores.....	100

Prefácio

Este livro celebra histórias de um lugar e de um cotidiano que são caros aos autores aqui reunidos. Trata-se de uma coletânea de contos escritos por estudantes da Universidade Federal de Sergipe a partir de entrevistas com moradores do Jardim Rosa Elze, complexo habitacional da cidade de São Cristóvão (SE), onde se localiza o nosso campus. Os contos são baseados nas entrevistas que eles realizaram, embora utilizemos pseudônimos para preservar a identidade desses moradores. As narrativas revelam vivências do cotidiano e da memória mais remota dessa população local, expressando no fazer artístico um pouco dessa hospitaleira região que é popularmente conhecida como um bairro.

A obra nasceu de um projeto de Escrita Criativa que coordenei ao longo de 2018, financiado pelo edital PIAEX 01/2018, fruto de uma parceria do Núcleo de Empreendedorismo da UFS com o SEBRAE e a FAPESSE. Os alunos do projeto foram quase todos graduandos, em sua ampla maioria provenientes do curso de Letras. Eles realizaram entrevistas de cunho etnográfico com a comunidade e as narrativizaram através de uma escrita de aspirações artísticas, dando-lhes a forma de contos. Mantendo-se fieis à verdade factual dos relatos, aprimoraram a verdade estética das narrativas. Produziram, assim, literatura que fala do cotidiano e dá voz à história dos moradores - um espaço harmônico entre Literatura e Antropologia; entre memória e invenção; entre ética e estética; entre dado e criação.

Durante os últimos três anos, conheci vários alunos talentosos, os quais se dispuseram a participar de minhas ações de extensão em Escrita

Criativa, uma das quais resultou nesta coletânea. Na primeira fase do projeto, ministrei um curso de 60 horas focando inicialmente em Etnografia; estudamos seus princípios, propósitos e técnicas. Uma vez concluída essa etapa, 12 alunos passaram a buscar no Rosa Elze moradores que aceitassem compartilhar suas vivências no bairro, cientes de que assim inspirariam os contos para o nosso livro. Ao passo que contavam suas histórias, nossos convidados falavam sobre o bairro; ao passo que falavam sobre o bairro, contavam suas histórias. Reuníamos-nos no curso, em encontros semanais, com horas de entrevistas gravadas em celulares e páginas de transcrições desses diálogos.

Enquanto líamos as entrevistas em sala, notava-se a diversidade do público participante: idosas, jovens alunos, comerciantes, voluntárias, servidores transferidos de outros estados, pós-graduandos, moradores de rua, tias e avós que contavam aos meus alunos o que tinham a dizer sobre si, sempre com o bairro como cenário. Por conseguinte, a natureza dos relatos também variava bastante: houve quem falasse sobre anedotas de quando era criança; quem contasse como tudo era antes da Universidade chegar; quem lembrasse de como vivia antes de se mudar; quem relatasse como amadureceu com a vida universitária. E assim, testemunhamos o emergir de um quadro do Rosa formado por um mosaico com mais de vinte relatos.

Àquela altura, os alunos deveriam começar a usar as entrevistas para criar seus contos. Foi nessa época que experimentei uma grande incerteza: como eles poderiam preservar a marca de tantas pessoas ao mimetizar seus relatos em textos literários? E mais: como, a um só tempo, manter vivas as vozes do bairro e também possibilitar que os autores imprimissem seus estilos às narrativas? Foi uma fase de criação na qual a tela eram os relatos,

e a tinta, a mistura das palavras de autores e moradores. Enquanto recolhiam e escolhiam dados, os alunos faziam esforços para escrever algo que a um só tempo atendesse às suas inclinações estéticas, mas também à expectativa de representatividade dos nossos participantes. Nós desejávamos, afinal, que os entrevistados reconhecessem nos contos as suas próprias histórias. Em alguns casos, isso significou interferir o mínimo possível nos relatos originais das entrevistas. Alguns dos participantes traziam ideias e expressões tão singulares, que aos autores bastou preservar essa distinção das falas para que no traço dos contos emanasse estilo e realidade local. Em outros casos houve muita dúvida, revisão e edição até que chegássemos a uma versão digna de ser apresentada aos entrevistados e inserida no livro.

As narrativas, assim, passavam também a representar o bairro onde todas as tramas se desenrolaram: o Rosa Elze, cuja constituição ocorreu de fato a partir da chegada da UFS, nos anos de 1970. Embora faça parte do município de São Cristóvão, o centro da cidade fica distante do Rosa e é acessível por um percurso de cerca de 20km, através da Rodovia João Bebe Água. É uma localidade predominantemente de baixo poder aquisitivo; guarda mais proximidade com Aracaju do que com a maior parte de São Cristóvão, e muitos são os moradores que se deslocam do bairro para a capital a trabalho durante o dia. O Rosa também acolhe vários estudantes que se mudam de suas respectivas cidades natal para morar próximo à Universidade durante a graduação. O maior campus da UFS, enfim, se localiza lá; a experiência universitária se inicia entre as paredes da cidade universitária e se derrama Rosa afora, através de atividades de extensão e movimentação do comércio local, por meio de aluguel de imóveis e prestação de serviços básicos.

Apresento depoimentos dos autores sobre como se deu o desenvolvimento dos contos logo após cada narrativa. Fiz essa escolha pela gêneses peculiar desta coletânea, que envolveu estudo, geração de dados, escritura, revisão e edição, sempre com o comprometimento com os dados, incomum em criações literárias. Apresentando os bastidores de cada conto, quis fornecer ao leitor uma visão do bairro, dos participantes e dos escritores, que revelasse o jogo entre a dinâmica etnográfica e ficcional.

Uma narrativa etnográfica guarda compromisso com a verdade referencial do participante e deve colocar a voz desse ator social em evidência no texto. A qualidade dos dados em uma entrevista depende do *rapport* entre pesquisador e participante; isso determina se o entrevistado vai confiar sua melhor versão dos fatos, em detalhe e acuidade, ao etnógrafo. A pesquisa etnográfica não é meramente sobre o Outro: é *com* o Outro. Curiosamente, ainda que a narrativa etnográfica possa não ser verídica (nada garante que o entrevistado conceda a verdade ao pesquisador), necessita ser legítima: a verdade ali relatada é a que coube àquela circunstância, e é o trabalho para retratar essa verdade possível que deve reger o ofício do etnógrafo. Prezando por esse respeito à voz do participante, deve então dar forma ao relato e levá-lo à publicação. A metodologia de pesquisa de base etnográfica demanda um olhar sensível para a realidade local e essa dinâmica gerou material de qualidade e singularidade para as narrativas ficcionais. Na criação literária desta coletânea, mantivemos laços estreitos com os dados gerados em pesquisa e com o olhar dos participantes, que leram ou ouviram seus respectivos contos e opinaram sobre eles com elogios e exigências, para só então consentir sua publicação.

Há muitas implicações para a inserção de métodos etnográficos na criação literária. “A exploração das relações entre ficção e etnografia implica pensar a literatura como uma forma de intervenção ao mesmo tempo política, estética e epistemológica”¹. Além do mais, os contos aqui reunidos parecem habitar um lugar peculiar entre fato e ficção, o que me faz recordar de um questionamento de Schopenhauer² sobre se haveria mais verdade na História ou na Poesia. Ele conclui que a Poesia retém mais verdade, visto que a História trata de uma perspectiva parcial dos fatos, enquanto que a Poesia, ainda que não tenha um pacto referencial com o leitor, dá conta de verdades fundamentais da condição humana. Gobbi³ faz uma afirmação semelhante ao tratar do fato *vs.* ficção. Afirma que a literatura revela verdades fundamentais “pelo seu poder de revelar o ilusório do mundo em que vivemos, alcançando, assim, o universal pela mediação do particular. A ficção permitiria desvendar as aparências, levando o homem a conhecer as essências [...]”. Essas essências são a própria condição humana. Se a História é um ponto de vista (natureza de argumento), a Arte é a vista de um ponto (natureza de sentimento). A etnografia que alimentou a composição dessa obra ficcional se vale do ponto de vista dos entrevistados para tratar de histórias e sentimentos da comunidade, que são também sentimentos do mundo.

Quanto mais avançávamos na produção dos contos, mais eu desejava ilustrar aquelas histórias. Considerei fotografias, a princípio, mas as imagens não se harmonizavam com o teor dos textos; precisávamos de algo mais sutil, consoante com o estilo das narrativas. Nessa mesma época fui

¹ KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. 2006. 205 f. Tese (Instituto de Letras) – Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

² SCHOPENHAUER, Arthur. *A metafísica do belo*. São Paulo: Editora UNESP, 2003

³ 2004, p.40 *apud* SILVA, Sheila dos Santos. Memorialismo: ficção, história, literatura. Revisão teórico-crítica. Universidade vale do rio verde – UNINCOR: *Revista (Entre Parênteses)*, 2016

apresentado ao trabalho de Joédson, graduando em Artes Visuais, que prontamente aceitou o convite para ilustrar nosso livro. Ele se encontrou com todos os autores e, para sete das histórias, criou imagens que capturaram o espírito de cada texto – traços na tela que dialogam com os traços nas linhas. E ambos dialogam com o cotidiano do Rosa: são um vislumbre do singular na memória de quem mora diante de nossa Universidade, mas que leva vidas tão distintas da nossa. Para além de pesquisa acadêmica ou literatura de laboratório, o Contos do Rosa é, conversando com o que Drummond nos anuncia, o Rosa do Povo.

Agradeço com o coração cheio de alegria aos moradores, que generosamente compartilharam suas memórias; ao Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade (NUPATI), que forneceu o contato de seus estudantes moradores do Rosa Elze; aos alunos do projeto, que diligentemente frequentaram o curso, ouviram histórias e as recriaram no papel; à equipe de editoração, que criou o visual do nosso livro; ao Núcleo de Empreendedorismo da UFS, que ofertou o edital de financiamento, e à editora Infographics, que acreditou em nossa iniciativa com o mesmo entusiasmo que nós mesmos. Muito obrigado.

Igor Gadioli

Aracaju, novembro de 2018

Travessia I

Adauri José

Quando ela nasceu, amou aquela terra desde o primeiro momento em que pôs os pés no chão. Quando chovia, o cheiro do barro tomava conta do ambiente, entrava pelas portas e janelas e ia buscá-la dentro do quarto. Adorava brincar debaixo das plantas do jardim que ficava na frente da sua casa; eram pés de acerola, mamoeiros, muitas flores e outros tipos de plantas que sua mãe cultivava.

O tempo passou rápido para ela. Em seu primeiro dia na escola, sentada na primeira fileira, fazia perguntas à professora, enquanto a maioria dos seus colegas chorava e gritava alucinadamente por suas mães. Adaptou-se rapidamente à rotina de uma das poucas e pequenas escolas públicas do bairro, que ficava bem perto de sua casa. Sua irmã mais velha era quem a acompanhava nas idas e vindas durante esse período, sempre sob os alertas de perigo de sua mãe durante o trajeto.

Sucedeu, certa vez, quando da necessidade de mudança para um colégio mais distante, o primeiro confronto penoso com a realidade: atravessar a avenida principal do bairro. Acordou certa manhã depois de uma noite de sonhos intranquilos, ainda que quase não dormira: era chegado o primeiro dia de aula na nova escola. Sob uma longa lista de recomendações de sua mãe a ela e à irmã mais velha, as duas partiram a pé até o novo destino.

Tomar cuidado com a travessia era uma recomendação que sua mãe sempre fazia à sua irmã mais velha. Esse sempre foi um dos medos que Gil carregava desde a época em que leu no dicionário o significado de "travessia", que desde então passara a ser diretamente ligado à palavra

“avenida”. Vinham à sua cabeça advertências aleatórias que se repetiam como numa dança frenética e desordenada: “segure firme na mão dela”; “olhe para os dois lados”; “cuidado para não tropeçar”.

Enfim, diante da rodovia, lá estava Gil. Sem hesitar, segurou firme a mão de sua irmã, respirou fundo e esperou o sinal. Não entendia o porquê da demora, queria chegar logo, ultrapassar aquele obstáculo e seguir em frente. Olhou lá em cima o rosto suado de sua irmã, e notou uma certa hesitação. Talvez ela pensasse no salmo 23; alguma coisa atormentava sua alma, especulou. Lembrou novamente das recomendações da mãe e tentou dar um passo à frente, mas sem sucesso; as pernas lhe pesavam demais. Veio então um puxão e, de imediato sentiu que corria na mesma velocidade que a irmã, apesar da evidente diferença no comprimento daquelas pernas a buscar o outro lado da pista. E assim Gil concluía, enfim, sua primeira travessia pela avenida mais perigosa do lugar, cumprindo uma rotina que se repetiria ainda por muito tempo.

Mas naquele dia tudo era novidade, e o caminho diferente despertou-lhe os sentidos: ela começou a prestar mais atenção às coisas ao seu redor. Durante o trajeto, notava que as casas eram bem separadas umas das outras, algumas por plantações de milho ou hortaliças. Via a vegetação rasteira e seca cobrindo os terrenos baldios aonde nem as vacas nem as cabras tinham acesso. As duas irmãs seguiam de mãos dadas rumo à nova escola; uma concentrada no passo. A outra no aumento de casas e carros conforme se afastavam do ponto de partida.

Em casa, durante as horas vagas, enquanto não estava ajudando a mãe com a lavagem das roupas, Gil aproveitava para ler livros sobre os mais diversos assuntos como Arquitetura, Botânica, Arqueologia, Astronomia - coisas que a maioria das garotas da sua idade detestavam, ou simplesmente

ignoravam. Quando indagada por alguém sobre seu futuro, não respondia nada, e se possível, corria para o quarto para brincar com suas bonecas: não muitas, mas todas dispostas em fila, cada uma com um livrinho no colo, voltadas para uma mesinha e um pequeno quadro negro ao lado da porta de entrada. Passava tardes inteiras lendo-lhes livros que sua irmã trazia de um lugar chamado Universidade. Várias vezes, porém, fora interrompida pelo barulho de tratores, caçambas e operários que cumpriam a tarefa de plantar paralelepípedos nas ruas do bairro, cortar árvores, enfim, trocar a paisagem que ela conhecia tão bem por um novo cenário de granito, cimento e tinta.

Gil também cresceu e sofreu mudanças: já conseguia apanhar frutas sozinha e penteava os cabelos agora sem a ajuda da irmã. Percebia as casas ao redor diferentes - mais cômodos, mais construções, mais gente. Não precisava caminhar muito para ir comprar o pão toda tarde; havia, então, uma padaria perto de onde morava. Ao voltar para casa, numa tarde igual a tantas, quase foi atropelada por um ônibus. Sentiu um misto de medo e surpresa, pois não era comum um daqueles na vizinhança. Numa saída com a irmã ao centro da cidade, percebeu o quanto os dois lugares eram diferentes. Passaram em frente à universidade e ela se pôs a medir mentalmente o comprimento daquele lugar tão grande como uma fazenda.

Mais um período de férias e ela já imaginava os livros que iria ler para passar o tempo. Foi quando sua irmã a chamou para outro passeio, ao que ela prontamente aceitou, apesar de não saber ao certo para onde. Estavam novamente indo em direção ao centro da cidade, isso ela percebeu logo; Geografia era o seu forte - morria de medo de se perder, por isso decorou os nomes de quase todas as ruas do bairro. Sua mãe ficou em casa costurando e as duas seguiram seu caminho a pé. Andaram quase meia

hora, até sua irmã anunciar que estavam na entrada da universidade e que iriam a um lugar chamado “Bicen”. Gil, meio desconfiada, pensava: será que criança pode entrar?

Ainda em frente à universidade, enquanto observava o vai e vem dos ônibus ao lado do portão de acesso dos estudantes, a garota se perguntava para onde ia aquele povo todo sem parar; aquilo não podia ser uma escola. Finalmente entraram e andaram durante alguns minutos por um caminho de areia e grama; a irmã mais velha, irritada, quase arrastava a mais nova pelo braço, enquanto esta se divertia enfiando os pés na areia quente. Seguiram ainda por uma estrada de paralelepípedos até chegarem ao seu destino. Ao entrar na Bicen pela primeira vez, Gil segurou com mais força a mão de sua irmã. Girava a cabeça de um lado para o outro tentando situar-se; inútil. Buscava sem sucesso ver o fim dos vários corredores formados por estantes postas frente a frente como soldados que guardam um tesouro. Lembrou-se que lera em algum livro sobre um monstro que habitava um labirinto. Percebeu que ali seu conhecimento sobre Geografia não lhe valeria de nada. O ar lá dentro era diferente, era como se entrasse na geladeira de sua casa. Tal qual um cego que voltou a enxergar, observava todos os detalhes; um pouco trêmula, tropeçou numa das pedras que se soltara do piso enquanto olhava para alguns pontos de infiltração no teto. Guiada pela irmã, chegou até uma sala onde ficavam vários tipos de dicionários; o calor lá de fora reinava nesse lugar e os livros exalavam um cheiro forte. Enfim leram bastante, mas a hora de regressar chegou mais rápido do que ela desejava.

Gil saiu de lá com os pés arrastando e um brilho nos olhos. Como criança que ganha um brinquedo novo, ela nem se incomodou com os espirros incontroláveis após deixar a sala dos dicionários. A caminhada de

volta e a subida da ladeira para chegar em sua casa passaram despercebidas; mal regressou, correu para o quarto para reencontrar as bonecas. Estava ansiosa para ensinar-lhes tudo o que aprendera naquele dia. Depois daquela tarde, sua vida nunca mais foi a mesma.

Quatro casas

Hellen Oliveira

A primeira casa ficava ao lado de um açougue, na esquina da rua que hoje é chamada de Amintas de Jesus. Quando Antônia e sua família se instalaram no Rosa Elze, trinta e sete anos atrás, as ruas ainda não tinham nomes. As casas eram poucas. Sequer havia calçamento. Em seu lugar, areia – o que causava maus bocados, quase que diariamente, aos desavisados motoristas que por ali passavam. Pura diversão para as crianças que saíam em disparada para empurrar os carros ao menor sinal de algum problema.

Com seus três quartos, a primeira casa era maior do que Antônia esperava. E mais importante, tinha como bônus uma mercearia: a vendinha, como costumavam chamar naquela época - ou bodega, se assim preferissem. Era um lugar pequeno e abafado, cuja principal atração não era os produtos dispostos nas prateleiras, nem a questão de servirem a cachaça e a cerveja mais baratas da região – essa era a segunda -, mas sim a velha sinuca instalada logo na entrada. Todos os dias, Antônia observava detrás do balcão o mesmo grupo de senhores de meia idade deslocar-se a passos arrastados em direção à sinuca, todos eles brandindo o taco com uma mão e segurando o copo de cerveja com a outra, rigorosos em seus hábitos de jogo tal como fiéis com seus rituais religiosos.

Naqueles dias, Manuel ainda fingia ser seu marido. Ela lhe devolvia a cortesia fingindo ser sua esposa. Não significava que seus acessos de raiva fossem menos frequentes, ou mesmo que ele fosse mais agradável nas suas breves interações com ela; de fato, durante os meses em que ele esteve desempregado, a convivência diária dos dois em uma cidade desconhecida

só serviu para agravar a já incômoda situação em casa. Mas eles ainda moravam embaixo do mesmo teto e dividiam a mesma cama, e Antônia julgava que aquilo deveria bastar.

Suas preces foram atendidas quando ele finalmente conseguiu um emprego, em um supermercado não muito longe de onde moravam. Ela agradeceu em silêncio pela tranquilidade de não o ter em seu encalço a todo segundo, berrando grosserias quando lhe era conveniente, e também porque precisavam de dinheiro para sair dali - o locador da vendinha, inicialmente tão simpático e generoso, não parecia mais tão preocupado com a situação financeira da família de seus locatários.

“O dinheiro tá curto esses dias”, costumava ser a justificativa dele para os graduais aumentos de aluguel. E, com ar sôfrego, continuava, “e tá tudo mais caro agora. A senhora entende, né?”.

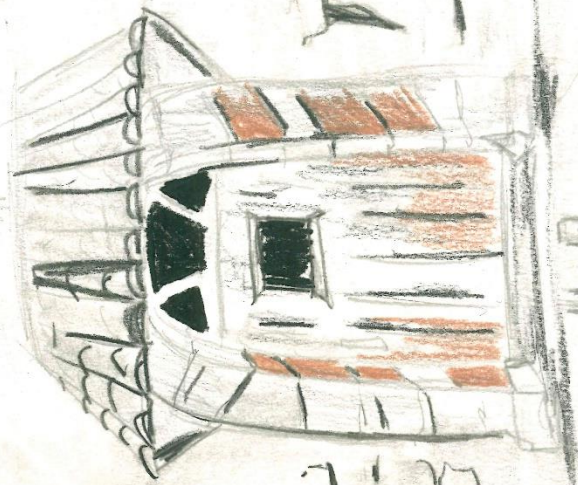
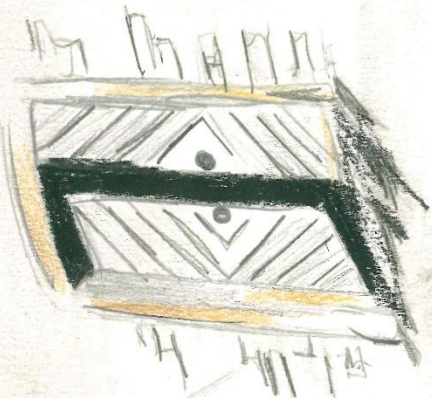
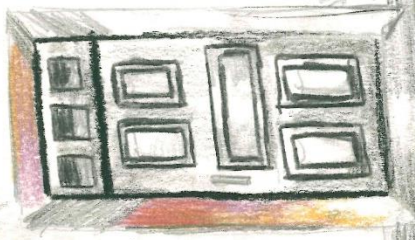
Assim, não tardou e a primeira casa tornou-se a antiga casa, dando lugar à segunda. A segunda casa significou também o início de uma nova mercearia, e o seu consecutivo fracasso. O projeto de negócio próprio ficou para trás, assim como também ficou a segunda casa. Na terceira casa, ficaram aproximadamente um ano, quando então instalaram-se na quarta, na rua Elpídio Batista Neri – à época conhecida como rua B. Apesar das muitas mudanças, Antônia lembra-se bem, e com carinho, da última casa alugada: a garagem, grande e arejada; o quarto ao lado, logo na entrada; o quintal, amplo como nenhum dos outros havia sido. Era a casa mais confortável na qual ela havia morado desde que deixara Macedina e, quando finalmente compraram o terreno de que tanto falavam, na mesma rua, Antônia decidiu que o novo lar seria uma réplica da quarta casa.

Seu marido, no entanto, descartou a ideia de imediato. Ela suspeitava que sua recusa tivera como única razão contrariá-la, e no auge da sua

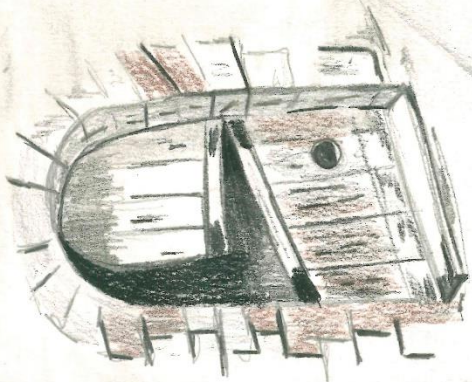
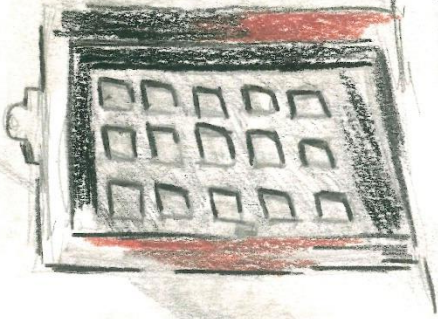
frustração, fora incapaz de guardar suas mágoas para si. Eles nunca haviam brigado tanto quanto nos dias que se seguiram até a construção da casa. Antônio esperava vencê-lo pelo cansaço, mas Manuel permanecia inexorável e, como era de costume, conseguiu o que queria. A casa foi construída tal qual a vontade dele e a Antônio só restou fazer as malas.

Cinco mudanças e quase quatro décadas depois, ela julga que o Rosa Elze tenha se tornado, por fim, seu lar. Os últimos anos a trataram bem: seus onze filhos, todos saudáveis e empregados; a universidade, que a acolheu de braços abertos e tornou-se um de seus lugares preferidos; ela, finalmente sozinha e livre para fazer suas próprias escolhas. Antônio não vê motivo para voltar à sua terra: sua saudade não é só de um lugar, mas de uma época, e não há como voltar no tempo. Macedina permanece nas suas lembranças, tão vívida quanto uma fotografia, mas talvez seja esse o lugar a que pertence agora: suas memórias.

person 018



2-27



Dona Antônia é moradora do Rosa Elze há 37 anos. Observou o crescimento do bairro de perto, e tem muito a contar sobre ele. É aluna do NUPATI (Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade), na Universidade Federal de Sergipe, e recebi seu contato por intermédio do professor Igor. Liguei para ela e contei-lhe sobre o projeto, o qual imediatamente lhe despertou interesse. Marcamos então um encontro na Universidade.

Durante nossas reuniões, Dona Antônia mostrava-se receptiva e falante, narrando momentos de sua trajetória no Rosa Elze com uma riqueza de detalhes que sempre me deixava impressionada. Nossas conversas fluíam de maneira natural, eu sentia, e mesmo depois de desligado o gravador acabávamos continuando o papo.

Transformar em texto as experiências narradas por ela foi uma etapa particularmente delicada. Queria que Dona Antônia se sentisse representada, que ela reconhecesse a si mesma nas minhas palavras. Levei algumas semanas escrevendo e reescrevendo, e o trabalho rendeu frutos. Quando finalmente lhe entreguei a versão final do texto que havia redigido, Dona Antônia sorriu e me parabenizou, dizendo que o conto estava muito fiel à sua história. Ela apontou trechos que lhe haviam chamado a atenção e pediu para ouvir o que eu buscava expressar com eles, vez ou outra dizendo "é, realmente era isso".

Não poderia estar mais satisfeita.

Contos do bazar

Kamila de Oliveira

Eu tenho muita história, mas também já esqueci muita coisa por causa da idade, e também porque não dá pra lembrar de tudo. Eu cheguei aqui já faz mais de trinta anos... - era tudo muito diferente - o Rosa Elze desenvolveu depois da universidade, depois do Enem que fez aquela transição que outro estado vem pra cá, e antigamente era só o vestibular, era só Sergipe, a não ser que a pessoa viesse. Aquele negócio também... Intercâmbio! Aqui não tinha nada, não tinha prédio, até a mercearia era diferente, aqui era terreno baldio. Às vezes eu ganhava carona do trabalho e ninguém sabia onde era esse lugar, e o pessoal tinha dificuldade pra me trazer porque era tudo piçarra e areia, muito buraco, e quando chovia era muito difícil chegar à minha casa. Era muito complicada a situação. Por outro lado, era mais tranquilo, eu não tinha medo de chegar onze horas em casa sozinha. Hoje, oito horas não deixa Victória ir à praça, nem eu vou, tenho medo. Mesmo assim adoro meu bairro, tenho condições de morar em outro lugar, ali perto do Makro naqueles condomínios, tenho um apartamento lá, mas no Rosa sou Meire, lá eu seria "a do 201" - quem mora em condomínio não tem nome.

Mas os alunos vieram abrilhantar aqui. Graças à universidade que eu conheci tanta gente, que participei tanto da vida de tantas pessoas, até hoje participo. Tem umas mesmo que me tornei mãe delas, ganhei três filhas na universidade, fui até ao casamento delas. Engraçado que antes eu trabalhava com eventos, *buffet* completo, e não conhecia tanta gente assim,

e depois de uns anos não estava mais viável manter o negócio, - Ficou tudo muito caro, inventaram uns móveis provençais, aí ninguém aqui queria pagar dois mil reais numa festa, por isso finalizei essa etapa da minha vida e decidi abrir o bazar. Foi tudo muito rápido: tive a ideia na sexta e comecei a ligar pros amigos, pra família, e dizia, Ói, vou precisar disso, disso e disso... Na segunda-feira, eu abri. Porque eu acho assim, se você tem uma ideia, você tem que colocar em prática.

É muito agradável aqui no bazar; as pessoas vêm, conversam, contam uma história, às vezes não compram nada, mas saem daqui felizes e com um ou dois problemas quase resolvidos. Daí que surgem essas histórias que eu sei. Minha filha, a Victoria, ela sempre me diz pra escrever um livro "contos do bazar" - foi o nome que ela sugeriu, porque algumas coisas valem a pena contar, são engraçadas. Mas tem o outro lado, o que eu não posso escrever nem aqui nem num livro, porque me causaria problemas.

Infelizmente, alguns causos vão morrer comigo. Sou privilegiada por saber algo tão íntimo e às vezes tão bonito da vida de um quase conhecido. O Rosa enriqueceu minha vida, não há nada aqui de que eu não goste, mas no começo foi bem difícil me adaptar ao modo de vida das pessoas daqui. Eu "andava muito no salto", trabalhava em shopping na capital, antes morava no Augusto Franco... Era outra realidade. Assim, eu não tinha tempo pra ficar de papo com os vizinhos porque trabalhava o dia inteiro e quando voltava pra casa, cuidava de minha filha, cuidava da minha vida. É isso: eu cuidava da minha vida e já era coisa demais, não me interessava se o vizinho tinha dado uma festa e a comida estava ruim, só que isso me afastava da realidade do bairro, e esse meu jeito começou a me trazer uns atrasos.

O dia mais complicado foi quando Victória adoeceu. Tive muita dificuldade, minha filha teve febre a noite toda, e não iríamos ao João Alves por causa de uma febre, aí eu fui ao posto. Chegando lá, Ah! A senhora tem a ficha? Não, não peguei não. Volte e pegue a ficha pra ser atendida. Retornei dias depois ao posto, sentei próximo ao balcão em silêncio e comecei a estudar a situação. Notei que eles conversavam numa linguagem simples... “Diferente” era a palavra, na verdade. As pessoas chegavam sem ficha e saíam com prescrição de medicamento. Depois de uns minutos, arrisquei uma aproximação.

- Oi amiga! Tem ficha? Minha filha passou a noite todinha com febre, ela passou uma febre tão grande que não conseguia ficar em pé! Ela não dormiu a noite toda, não comeu, chorou bastante...

- Sua filha teve tudo isso? Traga ela agora que ela vai ser atendida!

Liguei pro meu esposo no mesmo instante, Traga Victória que o médico já vai atender agora! Enquanto os dois não chegavam, dei risada sozinha. Aprendi que dramatizar um pouco vale uma ficha.

Outra vez, passei por uma situação... Foi a primeira vez que me deparei com a falta de segurança do bairro, quando invadiram minha casa e levaram as coisas de Victória. O notebook, o celular, o dinheiro, as joias, o violão, as melhores coisas dela. Até o álbum da alfabetização, que era bem lindo de veludo. Devem ter pensado que era caixa de joia, não abriram pra olhar. Fiquei refletindo sobre o quanto aquelas coisas fariam diferença na vida de quem as levou, e fariam mesmo? Sempre olho minha TV de tubo, e penso “tudo bem não ter uma TV de tela plana 42 polegadas, tenho outras prioridades.” e não cobiço o que é dos outros. Prefiro comer bem, pagar minhas contas, ajudar nos estudos da minha filha, e não viver com a casa

cheia de objetos. Nem celular eu tenho! Ia comprar um, mas minha gata adoeceu e precisei pagar o tratamento dela. Já paguei até cirurgia prum cachorro. Também tem isso – Um bicho só morre comigo se realmente tiver que ser.

Talvez eu devesse escrever mesmo um livro de cabeceira com os causos que colecionei. Passar pro papel parte do que sinto quando me lembro de cada um seria bom nos momentos em que a memória começasse a falhar, pra não ficar com o sentimento de perda em minha própria história. Colocaria até passagens da minha vida fora do bairro, porque existiu vida. Ainda na infância, vi meu pai sendo preso político na época da ditadura, mas eu não entendia o que isso significava. Lembro-me de perguntar meses seguidos à minha mãe a que horas ele voltaria, mas em resposta, ouvia o silêncio da casa. Quando retornou, ele disse não ter achado ruim, e que até comia goiabada com queijo e tomava banho de sol na cadeia, mas só porque ele foi preso por engano; os amigos que foram levados com ele, esses sim devem ter sofrido, só que eles nunca mais se encontraram pro meu pai poder perguntar. A gente passa por cada coisa que até parece filme, mas não dá pra saber qual vai ser a cena final.



Dona Meire é proprietária de um bazar simples e acolhedor. Moradora do Rosa Elze há 30 anos, viu o bairro crescer junto com a UFS e participa ativamente da comunidade, onde ministra aulas num centro comunitário. Quando a escolhi para o projeto, sabia que ouviria boas histórias, mas não esperava tanta dedicação aos detalhes e fluidez nos encontros. As conversas aconteceram de maneira natural, a ponto de eu só ligar o gravador passados alguns minutos desde o início da prosa. Sempre muito preocupada em ser fiel aos acontecimentos, repetia-me várias vezes: "não vou contar nada que tenha esquecido" e ria, levando a mão ao rosto, com os olhos cheios de entusiasmo. Passamos uma tarde inteira sentadas próximo ao portão do bazar, o que me permitiu acompanhar um dia em sua rotina com os clientes, que por sinal demonstravam muito carinho e respeito por ela. Voltei para casa com 3 horas de áudio e pensando no quanto eu deveria me dedicar à criação do conto em agradecimento por tamanha gentileza e hospitalidade.

Quando retornei com um rascunho, Dona Meire foi logo me dizendo para puxar uma cadeira e pedindo para que eu mesma fizesse a leitura em voz alta, o que me trouxe maior sentimento de responsabilidade com cada palavra escolhida e fincada no papel. Enquanto eu fazia a leitura, ela ia acenando afirmativamente a cada passagem narrada: "foi assim mesmo que eu disse! Parece que eu mesma escrevi nesse papel, Kamila." Em meio a risos, recebi o pedido de retirada de uma única palavra, justamente a que eu me permitira adicionar ao texto, mas seus ouvidos atentos e a memória aguçada não deixaram de notá-la.

Do título ao último ponto - tudo foi trabalhado juntamente com ela e às vezes com a participação de sua filha, a qual minha protagonista fazia

questão que estivesse sempre presente. Dona Meire foi intermediária para uma nova maneira de caminhar pelas ruas do bairro. Agora, ouço os sons do Rosa com muito mais atenção.

Outro lugar

Katherine Albuquerque

Quinta-feira, 09h17min da manhã, o barulho estridente do alarme me despertou. Eu e meu costume de colocar minutos inusitados nos alarmes. Ainda não estava pronta para levantar. Olhei para cima. O quarto permanecia escuro. Desativei o despertador e puxei o cobertor.

Num sobressalto, peguei o celular: 10h40min. Outro costume meu: perder a hora. Tinha combinado às onze no Rosa Elze para olhar algumas casas. Pulei da cama. Corri para baixo do chuveiro. Não ia dar tempo de comer. Enfiei a roupa no corpo. Olhei para a cama desarrumada. Olhei para o relógio. Dei dois gritos: “painho, tô pronta!”; “mainha! Dê uma geral no meu quarto!”.

Enquanto o carro corria pelas ruas, eu me despedia mentalmente da minha cidade natal, olhava todas aquelas casas coloridas, dona Nice e seu Joaquim conversando na porta, a criançada brincando na praça. Apesar de eu amar Ribeirópolis, eu sabia que precisava começar a construir minha própria vida, então continuei dando tchau pra cidade, para as árvores e para as casas. Eu ainda não estava indo embora de vez, mas tinha tendência a dramatizar as coisas. Ia conversando com meu pai. Era sempre bom conversar com ele: tá pronto para acordar todo dia longe de mim? E ele retrucava: a pergunta mais importante é *você está?* O resto da viagem foi só silêncio. Mas por dentro meus pensamentos gritavam. Chegando ao Rosa Elze, dei um beijo no meu pai, desci do carro e falei antes de fechar a porta: a vida adulta começa aqui e agora. Depois de olhar a primeira casa,

já tinha certeza que ficaria ali; espaçosa, ventilada, confortável, mas contra minhas próprias expectativas, decidi ouvir o conselho do meu irmão mais velho, que sempre me orientava em tudo, e fui olhar outras opções por garantia.

Na segunda casa já moravam três meninas, dividindo aluguel. Conteí toda a minha história: faço Letras na UFS, consegui um emprego no shopping, moro no interior, mas preciso de um novo lar perto da faculdade pra facilitar minha rotina. Não sei se fui tão objetiva assim, porque depois de tecer uma série de elogios sobre meu jeito espontâneo e falador, uma das meninas disse que meu perfil não se encaixaria bem lá, já que elas eram muito reservadas. Eu hein, pensei que estava procurando uma casa para morar, não uma entrevista de emprego. Tudo bem, ainda tinha a primeira casa. Voltei pra minha cidade meio contrariada, meio satisfeita. Senti o cheiro da porta de casa: macaxeira quentinha com calabresa e café bem forte; recarreguei todas as energias do dia. Fui lá fora conversar com as meninas, sentamos na calçada para narrar a maratona do dia e conversamos por horas, interrompidas apenas por uma ligação desagradável que evitei comentar na hora: o proprietário da primeira casa não ia mais poder fechar o contrato, sem motivo aparente. Tudo bem, repeti para mim mesma, amanhã será um novo dia.

Novos desafios pelo Rosa Elze. Falei com uns, tirei dúvidas com outros: Bom dia, seu Antônio, o senhor conhece quem alugue casa por aqui? *Não*. Ouvi repetidas vezes essa palavra: não sei, não conheço, não é aqui. Eu olhava toda aquela gente grande ao redor, todo mundo parecia muito ocupado, sem tempo para sorrir, e eu não sentia que pertencia a esse mundo. No meio da confusão, avistei a famosa luz no fim do túnel:

encontrei uma casa com meninas lá do meu interior. Maravilha! Estava tudo tão bom que logo dei o nome àquele lugar de Casa das Barbies.

Agora eu sentia que estava pronta, estava finalmente virando adulta, até comprei um conjunto de roupa de cama com meu primeiro salário - tudo lilás, eu amava a cor lilás. Dividia meu tempo entre emprego e faculdade, às vezes recebia ligações dos meus familiares que nem podia atender porque eu era, agora, uma mulher ocupada, ridiculamente ocupada.

Quarta-feira, 07h30min. Droga. O despertador não tocou. Corri para baixo do chuveiro, vou chegar atrasada no serviço. Abri a geladeira: nada. Passei a vista no fogão: nada. Fui até o quarto pegar dinheiro pra comprar um McDonalds antes de entrar no trabalho, olhei a cama toda desarrumada, peguei minha bolsa e saí de casa.

O bairro, à primeira vista, era um tanto estranho. "Arquitetura bizarra", pensava enquanto andava apressadamente até o ponto. Acho que eu sentia falta de cor nesse lugar, mas acima disso, sentia uma responsabilidade gritante de colocar cor, não era fácil habituar-me ao cinza.

No percurso do ônibus ao trabalho, soltei algumas risadas abafadas para mim mesma, imaginando várias cenas nas quais eu bateria na porta de um desconhecido qualquer, pedindo um pouco de açúcar, só para dar início a uma conversa e fazer amizade com a vizinhança até então sem rosto e sem nome. E cá pra nós, não tem nada que eu faça tão bem quanto dar início a uma conversa.

Cheguei ao expediente terminando de engolir o hambúrguer. E recebi o olhar avassalador da minha chefe. Sentei de fininho na minha cadeira e comecei a trabalhar enquanto o relógio tiquetaqueava. Quando

não tinha mais ninguém por perto, aproveitei o computador do trabalho para pesquisar preço de mesas de estudos, esse seria meu próximo investimento, e eu já não via a hora do salário sair.

Um amigo da faculdade me ligou para lembrar que eu não tinha enviado ainda minha parte do trabalho. Voltei para casa lembrando tudo que ainda tinha para fazer, faltava tanto, mas meus olhos já se fechavam com o balanço do ônibus... Caminhei do ponto até a minha casa olhando ao redor, buscando uma identificação com o lugar onde eu agora morava, mas só via pessoas correndo da universidade para suas casas, das suas casas para a universidade. Queria parar um pouco na porta de qualquer pessoa, perguntar como foi seu dia, sentar na calçada para apenas observar o fluxo dos carros, sem compromisso com nada, queria cumprimentar as pessoas além de um simples "boa noite" enquanto percorria as ruas do bairro. Queria ser amiga daquelas pessoas, conhecer suas histórias, ser reconhecida por todos eles quando por ali passasse, mas como eu não remava contra a maré, percebia que o máximo de identificação que sentia com aquele ambiente era o fato de estar, também, correndo. Olhei um rapaz caminhando apressadamente e era como se visse o espelho de meu quarto, vi uma moça consultando o relógio e mexendo no celular enquanto seguia em direção à universidade; tive a impressão de que conhecia aquela moça de algum lugar, fiz menção de cumprimentá-la, mas logo abaixei o olhar ao notar que tinha visto, na verdade, meu próprio rosto naquela imagem. Percebi, então, que eu era, ali, um Eu metonímico, só mais um rosto universitário entre tantos outros que, tão logo acabasse o curso, seria esquecido por todos; eu sabia que não seria parte da história do Rosa Elze. Entretanto, gostava de maquinar planos para fazer algo por aquele bairro que sempre seria parte da minha história.

Assustei-me, ao entrar no quarto, com a bagunça que vi lá, a cama toda desarrumada, roupas sujas jogadas pelo chão. Tomei meu banho, vesti a roupa, mas não passei maquiagem, não encontrei coragem. Sentei na beira da cama para organizar a mochila e notei que o peso em meus ombros foi me puxando para trás até que eu estivesse completamente deitada e imóvel. Não fui à aula aquela noite. Eu precisava estar só na minha companhia. Num impulso, fui até a cozinha preparar um café, mas descobri que não havia um grama de açúcar no armário. Perguntei-me algumas – muitas – vezes se aquilo não era armadilha do universo me empurrando até a porta da vizinha, mas alguma força estranha me segurou em casa. Voltei a deitar sem tomar meu café, pensei em pedir um hambúrguer, que seria mais barato, mas já era o segundo do dia, então deixei pra lá. Notei um incômodo se instalando e, apesar do adejar inútil para não me habituar ao incômodo, eu cada vez mais pousava como um pássaro ferido na certeza de que não havia tempo sobrando em minha agenda para qualquer mudança.

Adormeci ouvindo Nando Reis, em cima de lençóis desforrados e emaranhados. Amanheci com a sensação de que alguém havia cortado meu cabelo enquanto eu dormia. Algo muito importante estava faltando. E quando me olhei no espelho, percebi que não estava sorrindo. Dessa vez, precisei passar um pouco de maquiagem, mas consegui, ao menos, arrumar a cama. Comi um cuscuz passado do ponto e saí dando bom dia para mim mesma, me convencendo de que hoje seria o melhor dia do mundo, dia de ser feliz.

Mais tarde no trabalho, peguei minha agenda para organizar todas as coisas que tinha para fazer na faculdade, mas de repente todas as luzes se apagaram como num filme de suspense. “Ricardo, pare de brincadeira”

– falei rindo, com a voz trêmula – mas sem obter resposta alguma, iluminei a sala com o celular e não avistei ninguém, nem consegui reacender as luzes. Saí do setor e percebi que toda a empresa estava morta, a não ser pelas pessoas com seus celulares tentando entender tanto quanto eu o que estava acontecendo. Não havia sinal no celular, não conseguia ligar para os meus pais. Andei para lá e para cá até encontrar um rosto conhecido. “Acho que faltou energia, vão nos liberar de volta para casa.” A notícia significava folga, mas ao voltar para a sala, eu apenas sentei na cadeira e assim fiquei por um tempo, observando as paredes e a sombra que minha imagem fazia nelas por causa da lanterna do celular. Eram as mesmas paredes de todo dia, mas algo ali, naquele momento, estava diferente. Arrumei as coisas e, mesmo desorientada com a escuridão, atravessei a cidade até chegar em casa.

Durante o caminho, percebi que não só a empresa, mas toda a cidade estava apagada. Só não entendia por que, além disso, os celulares estavam sem sinal. Abordei o cobrador do ônibus e descobri que se tratava de um apagão no Norte-Nordeste. O primeiro pensamento que veio à minha mente foi: São Cristóvão está dentro do Norte-Nordeste. Segurei a barra do ônibus com um pouco mais de força do que costumava, todos estavam olhando para o meu rosto indecifrável; aliás, nenhum rosto era decifrável naquele escuro, tampouco a direção para qual os olhos apontavam, mas tinha convicção de que eu era o alvo. Ao chegar em casa, me encontrei só como há muito não me via, talvez como nunca tivesse percebido antes. Eu estava literalmente sozinha. Estava no escuro. Meu bairro era cinza. E eu não conhecia ninguém.

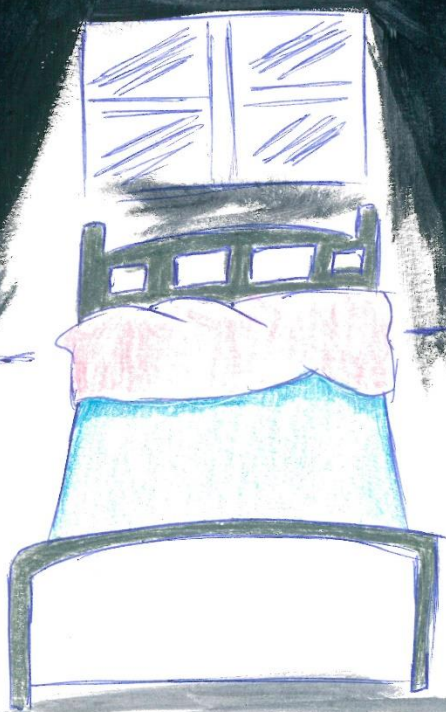
Mesmo lembrando das constantes brigas com minha mãe, desejei voltar para meu lar. Nesse exato segundo eu preferiria estar em alguma

discussão com ela, fosse para passar a noite na casa de uma amiga, fosse pela janta que não era a que eu esperava. Nunca desejei tanto estar ainda sob suas asas. Procurei então a beleza na minha liberdade, mas naquele momento, dentro daquela casa, que mais parecia de terror do que das Barbies, tudo estava escuro demais para se achar qualquer coisa a olho nu. Deitei em posição fetal e me permiti chorar sem pausa por um longo momento – eu precisava botar para fora angústias que há tempos guardava para além do sorriso maquiado. Li mensagens antigas do meu irmão e sorri entre fungadas lembrando a minha infância; continuei mexendo no celular sem sinal e encontrei algumas fotos de diversos momentos felizes vividos com meu namorado nas redondezas do Rosa, reli textos antigos meus e percebi uma mudança no meu modo de escrever, que era só uma parte pequena de toda a mudança pela qual vinha passando nos últimos tempos. E entre prantos, tentava não esquecer o quanto aquela espécie de solidão me fizera aprender a cozinhar, arrumar a cama, a casa, cuidar mais da saúde e da alimentação, pela convicção de que na hora mais necessária, eu ainda estaria sozinha.

Fui até a janela e vi como a falta de luz artificial facilitava a aparição das estrelas no céu e, apesar do medo do escuro, fui sozinha caçar velas no armário da cozinha para espalhar pela casa. Só achei uma, que decidi levar para o meu quarto, quando alguém bateu à porta. Paralisei no meio do corredor, mas lembrei de algo que meu irmão sempre me disse: quando sentir medo, vá com medo mesmo. Ao abrir a porta, vi uma mulher muito simpática que aparentava trinta e poucos anos, cabelos e olhos negros, que se apresentou como Bárbara. Bárbara era minha vizinha. Agora minha vizinha tinha um rosto. E um nome. E queria uma vela emprestada... Eu não sei direito o porquê, mas aqueles olhos pareciam desesperados por uma

chama, então lhe dei a única fonte que tinha na mão – e na casa – e fui deitar guiada pela lanterna do celular.

E foi justo naquele momento que descobri: eu estava, sim, pronta para crescer. Aliás, descobri que eu já era, agora, gente grande também, e estava exatamente onde eu deveria estar. Foi assim, percebendo que eu e o Rosa Elze agora éramos parte da história um do outro, que eu desativei a lanterna do celular para dormir na escuridão de uma casa tranquila, pois naquela noite, sem ninguém comigo, senti-me abraçada por aquele lugar.



Jason 2018

Luzia é estudante da Universidade Federal de Sergipe, graduanda do curso de Letras, que se inseriu no Rosa Elze para facilitar sua rotina, considerando que antes ela vivia numa pequena cidade do estado, onde acordava diariamente antes do sol nascer para poder estudar. É uma menina-mulher em constante evolução, e eu afirmo isso com convicção pois venho acompanhando todo esse processo. Eu estudo com Luzia, mas nos conhecemos antes mesmo do curso começar, porque ela investigou a vida de todos os aprovados na mesma turma que ela para já começar o período tendo amizades em sala de aula. Levando em conta tudo isso, a experiência de entrevistá-la foi extremamente fácil e divertida, eu redescobri uma amiga com quem já não conversava há algum tempo.

Converter em conto tanta coisa relatada foi, um processo desafiador, pois eu não sabia exatamente que detalhes eu poderia deixar de fora; mas a parte mais difícil foi elaborar uma espécie de coautoria entre duas pessoas tão diferentes e com experiências tão distintas. Depois de rabiscar algumas versões, entreguei para Luzia um conto que era declaradamente ela, e foi gratificante ver de perto sua emoção enquanto lia. Ela riu, chorou, gaguejou, agradeceu e me abraçou. E eu me senti realizada enquanto participante de um projeto que me fez não só conhecer um pouco mais a realidade do bairro que me cerca diariamente, mas também me permitiu conhecer mais profundamente uma amiga.

Do Rosa para o céu

Thainná Melo

*E*u não sei de muita coisa não. Foi o que eu pensei em voz alta, indo em direção à minha cadeira favorita na varanda.

Tia, Tia! Gritou minha sobrinha, marretando o cadeado no portão repetidas vezes.

Oi! Respondei, serenamente.

Lembre que eu venho aqui mais tarde pra conversar com a senhora!

Certo, estou lembrada. Quer entrar? Perguntei, mesmo supondo a negativa.

Não! - respondeu, já saindo – *Tenho aula agora! Bênção, tia."*

Tá certo, Deus abençoe!

Fui até o portão e tentei acompanhá-la com os olhos. Já havia saído. Fiquei alguns minutos em pé, olhando o vai e vem dos carros e das pessoas. Lembrei que ainda tinha que molhar as plantas e colocá-las um pouco no sol.

Pessoas indo e vindo com pressa. *HOJE, ÀS 20H, SHOW DE ROCK NA PRAÇA!!!* Cravei os olhos no carro de som amarelo. O danado me fez esquecer o que eu estava pensando. *Sim!* Exclamei. Pessoas e carros apressados. Há trinta anos não era assim, não nesse bairro, pelo menos. Mas eu entendo, era tudo novo e parado, as casas eram falhadas, uma aqui e outra acolá, não havia motivos para termos pressa. O chão era de

barro, sem asfalto, sem nada. Quando a noite vinha, a gente via de longe o clarão da lua, talvez pela menor quantidade de postes e luzes.

É melhor que eu me sente um pouco! Olhei para as plantas e lembrei que tinha que ser breve. *Pois é!* Murmurei, esticando-me um pouco na cadeira, *tudo mudou tão depressa!* Às vezes me perguntam se eu não tive medo de vir para cá, com um cenário daqueles e sem vizinhos por perto. Bom, Robby me ajudou.

Me lembrei do motivo de vir para esse bairro, mas deixei a história para outra hora, agora quero pensar sobre Bob----Robby... De vez em quando me perco nos nomes, mas já tive um "Bob", também.

Esse portão branco e esse muro não existiam, era apenas uma pequena cerca, onde qualquer pessoa que passasse por aqui via tudo, inclusive o Bob. Um dia, Robby pulou a cerca baixinha e saiu correndo atrás dos que estavam na rua. Só vi o povo subindo nos postes e gritando com medo; eu tive que pegar uma corda sisal e ir atrás dele sozinha, já que seus dentes à mostra, seu olhar arregalado e seu tamanho exagerado, faziam dele um cachorro assustador. Para acabar de consertar, até eu tinha medo, mas fingia que não pra ele não perceber.

A única pessoa com quem ele ficava mais quieto era com minha mãe. Quem não o conhecia poderia até pensar que era dócil sempre. Em algumas tardes, assim como essa, Robby saía do quintal e vinha procurando mãe para cheirar os pezinhos quentes dela. Ficava deitado no tapete da porta bem próximo de sua cadeira, com o olhar fixo em seu colo, numa súplica silenciosa de carinho. Talvez suas intenções não fossem das mais puras, porque nós sabíamos que, na verdade, Bob só estava atrás de biscoitos. Antes de se levantar para pegar o biscoito,

mamãe o tesava e esperava muito, só para poder tê-lo quieto por alguns minutos. *Que cachorrinho interesseiro!* Foi o que saiu da minha boca enquanto olhava para o tapete perto da porta de entrada, como se ele ainda estivesse deitado lá.

Eu lembrei de Robby porque minha sobrinha disse que vai vir aqui mais tarde para fazer uma *Entrevista* comigo. Repare, eu fazendo entrevista. Disse a ela que não sabia de muita coisa não. Nem falo bonito assim para poder caber em um livro.

Mas meus olhos brilham quando vejo quem estuda essas coisas, faz faculdade, passa em concurso e sobe na vida. Acho bonito mesmo. Minha maior alegria foi quando eu vi minhas meninas entrando na universidade. Eu nunca consegui estudar pois tinha que trabalhar para ajudar meus pais, mas minhas meninas eu fiz questão que chegassem no topo.

Olho novamente para as plantas e decido que é hora de cuidar das coisas. Levanto da cadeira e vou andando rapidamente até a cozinha para pegar o regador e pôr um pouco d'água para, finalmente, matar a sede das minhas plantinhas. *Que chão alvo!* Reparei no caminho. Ligeiramente lembrei de um vestido branco como meu chão, feito de renda, cheio de detalhes impecáveis. Aqueles pontos bem costurados, o desenho da renda, a qualidade da linha, do corte e o caimento perfeito em qualquer pessoa de porte médio. *Onde será que eu comprei aquele vestido?* Não era fácil encontrar costureiras tão detalhistas assim. Deve ter sido caro, mas a minha filha ficou muito graciosa naquela peça, valeu a pena qualquer valor que eu tenha dado. Quando notei, já havia desistido de ir à cozinha e minhas pernas me levavam ao antigo quarto

de Cíntia, que agora mora em São Paulo. Abri a cômoda antiga, envernizada com uma tinta natural que preservava o tom rústico da madeira vermelha. Sentei no chão e comecei a procurar o tão pensado vestido branco de renda. Precisava vê-lo.

Encontrei! Comemorei sozinha o achado precioso. Há tanto tempo não vejo essas coisas antigas. Eram tão mais bem-feitas, não se comparam com as roupas caras de hoje em dia.

Será possível, meu Deus? Bradei com uma espécie de fascínio na voz. Como eu pude me esquecer assim. Aquele vestido sempre me foi familiar. Aqueles detalhes vieram com força à minha mente, eu conhecia cada nó da renda de cor. Pegar no vestido me trouxe uma grande nostalgia, seu cheiro me lembrava a infância da minha filha. A renda era de uma maciez impecável. A mente clareia e eu percebo: *fui eu que costurei esse vestido!* Uma lágrima intrometida me desceu pelo rosto, era de saudade.

Após alguns minutos sentada no chão, encostada na cômoda, olho a hora e decido que já é tempo de molhar minhas plantas. Fui direto para a cozinha, ainda perplexa com o vestido e enchi rapidamente o regador. Finalmente alimentei as samambaias e o pequeno pé de acerola do jardim. São quase quatro horas; saio de lá e vou até o portão para ver se Lara chega. Antes disso, posiciono duas cadeiras, uma próxima à outra, porque é assim que devem se sentar em uma entrevista...

Pego a chave, abro o portão e vejo Tereza passando para a mercearia; João, o filho dela, jogando bola na rua com várias crianças e umas meninas mais velhas brincando com os novos celulares na calçada. Tudo tão movimentado e calmo ao mesmo tempo. Imagino se um dia

quero sair daqui para morar em outro canto. *Depois de rodar por esse Brasil todo, eu encontrei o meu lugar.* Suspirei, com as mãos agarradas ao portão. *Daqui, só para o céu.*



A minha entrevistada mora no Rosa Elze há mais de trinta anos e, apesar de ter passado boa parte da sua vida viajando pelo país, sentiu-se em casa nesse bairro. Eu a conheci através de uma amiga de classe e também participante do projeto de Escrita Criativa. Encontramo-nos duas vezes para conversar e pedi que ela falasse sobre suas experiências. O momento da entrevista foi bastante interessante: ela iniciou pensando que não tinha muito a dizer sobre o bairro, mas a nossa conversa rendeu quase uma hora. Como esse foi meu primeiro trabalho dessa natureza, pensei que quarenta minutos de áudio seria muito para transcrever e achar uma única história.

Transcrevi tudo que achei importante e tentei decidir o que daria um bom conto. A minha afeição por animais me fez escolher rapidamente o seu relato sobre o cachorro como parte da narrativa – a princípio, o texto seria somente sobre ele. Após a leitura da entrevista, Igor sugeriu que eu desse uma atenção maior à parte em que ela falava sobre a sua relação com a costura. Então, eu tinha três pontos em mente que deveriam aparecer: as experiências com o Bob/Robby; a história da costura e o final, em que ela diz que só sairia do bairro se fosse para o céu.

Fiz e refiz a narrativa algumas vezes e então decidi que era hora de mostrá-la com a ilustração inspirada nele. Ela se emocionou ao ouvir a história e chorou quando viu que sua mãe estava presente no conto... O que mais valeu a pena foi ver que aquela história foi significativa a ponto de fazê-la lembrar da mãe. Ela viu a si e também suas memórias naquelas linhas.

Casas da Vida

Katherine Albuquerque

Depois de uma manhã inteira trabalhando na frente do computador, finalmente chegou a hora do almoço. Era bom andar até a minha casa, esticar um pouco as pernas, comer comida com meu próprio tempero. A maioria dos colegas de trabalho fazia qualquer lanche para preencher o espaço do almoço, porque morava longe e não era válido ir e vir. Nessas horas, eu me sentia satisfeita em ter vindo morar em São Cristóvão. Não fazia muito tempo desde que eu tinha sido transferida do Sul, foi uma escolha minha, para ficar mais perto da minha família que vive na Bahia. No caminho pra cá, trouxe minha mãe para morar comigo, assim uma fazia companhia à outra e ninguém se sentia só. Pelo visto, eu tinha feito boas escolhas ultimamente.

Enquanto almoçava, a campainha tocou e eu apoiei as duas mãos na mesa, fazendo força contra ela para poder levantar; minha mãe, obviamente, percebeu minha preguiça no esforço feito e rapidamente arrastou a cadeira, levantando para atender a porta.

- Pois não?
- Bom dia! A senhora Lucilene se encontra?
- Não tem ninguém com esse nome aqui, moço.

Percebendo que era engano, parei de prestar atenção na conversa, mas preocupada com a demora dela em voltar para a mesa, fui até a porta para saber o que estava acontecendo – Afinal, ouvia com frequência que

o bairro era perigoso. Percebi de longe que havia algo de errado acontecendo; minha mãe estava apertando a maçaneta da porta com tanta força que a parte de cima dos dedos estava completamente vermelha, os olhos estavam semicerrados e a testa completamente dominada por rugas. Nesse momento, eu até diminuí a passada, sem saber se queria mesmo chegar lá.

- Oi, bom dia, tá acontecendo alguma coisa?

- Esse rapaz quer me enfiar uma intimação goela abaixo.

- Uma intimação?

- Ele tá insistindo que eu sou uma tal de Lucilene e eu já disse que não sou e não vou assinar intimação nenhuma.

- Senhora, eu só quero um documento com foto. O único endereço que eu tenho da senhora Lucilene é esse e eu preciso entregar a intimação para ela.

Pedi licença a ele e entrei para pegar os documentos mesmo contra a vontade da minha mãe, indignada, gritando que não devíamos provar nada a ninguém. Voltei com as identidades em mãos, expliquei que havíamos nos mudado há pouco, que éramos só nós duas e que essa Lucilene provavelmente era a inquilina anterior. Ele agradeceu, se desculpou pelo incômodo e foi embora, mas minha mãe continuava bufando do lado de dentro da casa.

- Relaxe, minha mãe, o rapaz só estava fazendo o trabalho dele. Vou voltar para o serviço, mais tarde vamos comer uma tapioca na outra esquina, pode ser?

Fui caminhando até o trabalho como de costume, olhando tudo ao redor, me familiarizando com o bairro, guardando na memória a imagem dos vizinhos, cumprimentando todos que me olhavam com breves sorrisos. Quando passei pela frente da borracharia na rua ao lado, todos colocaram a cabeça para fora e me deram um bom dia em uníssono, como de costume. Abaixei a vista, olhei novamente, sorri e acenei com a cabeça. As pessoas daqui eram muito educadas, e eu continuava me surpreendendo com isso. Não que as do Sul fossem mal-educadas, mas eu fui preparada para enfrentar olhares antipáticos antes de vir para cá. Agora pensando melhor, acho que fui enganada. Não por mal, cada um tem vivências diferentes e, por isso, opiniões diferentes, mas a minha experiência no bairro estava sendo a melhor possível. Era só uma questão de perspectiva.

Entre sorrisos e gentilezas, cheguei ao trabalho me sentindo leve. Algumas vezes ainda tinha dúvidas sobre as decisões tomadas, mas aos poucos ia ganhando uma sensação de pertencimento, fosse por identificação, fosse pelos comodismos que morar aqui me proporcionava. Mas o processo de adaptação estava cada dia melhor. Vez ou outra, enquanto digitava umas coisas no computador, ficava me perguntando sobre a tal Lucilene, batia uma curiosidade de saber quem ela era e o porquê da urgência com aquela intimação. Pensei em pesquisar sobre ela no Google, mas não lembrava sequer o sobrenome. Percebi que estava presa na seguinte situação: ou perguntava aos vizinhos, ou ia morrer na curiosidade.

Chegando em casa, tomei um banho, peguei minha carteira e fui comer tapioca com minha mãe:

- E aí, dona Lucilene, a senhora vai querer tapioca de quê?

- Se oriente, Emília. Ainda não engoli essa história. Que ousadia daquele rapaz. Aonde que eu tenho que provar quem eu sou pra não assinar um documento que não diz respeito a mim?

- Se coloque no lugar dele, mãe. Pense que essa Lucilene pode estar querendo driblar a justiça e ele não tinha como saber que a senhora e ela não eram a mesma pessoa. É assim mesmo, não esquite a cabeça com isso.

Depois de pegarmos as tapiocas e os refrigerantes, voltamos para casa conversando e rindo. contei para ela sobre o meu dia de trabalho, sobre todas as coisas que eu tinha que fazer todos os dias, que eram basicamente as mesmas coisas o tempo todo. Era uma jornada cansativa, mais horas do que eu estava acostumada, mas só de estar com minha mãe e mais perto da minha família, eu sentia que estava em casa.

- Boa noiteeee!!!

- Boa noite, meninos! – respondi.

- Esses rapazes da borracharia são educados, não é, Emília?

- É. Toda vez que passo por aqui, não importa a hora do dia, eles me cumprimentam nessa alegria. Até quando estão lá dentro, botam a cabeça pra fora só pra falar comigo.

Já eram seis e meia da noite quando chegamos e eu percebi que não tinha uma gota de água para beber. Não estava mais com coragem para sair de casa, mas até onde me lembrava, eles só entregavam o garrafão de água até as 18h. Liguei preparada para ouvir um não, mas resolvi arriscar, para não passar a noite inteira sem ter o que beber. Como

esperado, o homem que me atendeu disse que a entrega já terminara, ao que eu insisti; falei que pagava a mais, que a casa ficava só uma rua atrás...

- Qual é a casa, moça?

- Número 47.

- AH! Número 47? Pode deixar que eu chego em cinco minutos.

Não entendi seu sobressalto na ligação, tampouco o que o fez mudar de opinião, mas a única coisa que importava era que eu teria água para beber mais tarde.

- MUITÍSSIMO obrigada, moço. Prometo que das próximas vezes ligo mais cedo.

- Não tem de quê, eu quem agradeço. Fiquei muito feliz em vir entregar água pra você.

Sorri confusa e entreguei o dinheiro a mais. Ele rejeitou com um sorriso escandaloso no rosto, o que me deixou ainda mais perturbada. Foi embora olhando para trás a cada dois segundos e continuava sorrindo para mim como se estivesse apaixonado, e eu me dividida entre sorrir de volta e arquear as sobrancelhas. Aconteciam algumas coisas esquisitas por aqui, as pessoas eram educadas até demais, especialmente os homens. Eu começava a desconfiar de alguma segunda intenção. Era muita arrogância minha achar que todos os homens do bairro tinham uma segunda intenção comigo? Talvez eu só não estivesse acostumada com toda essa atenção e assistência.

Acordei cedinho com o despertador em pleno sábado, esqueci de desativá-lo. Revirei para um lado e para o outro, tentando voltar a dormir, mas em vão. Pensei em fazer um almoço bem gostoso e diferente para

surpreender minha mãe. Levantei, fui até a padaria, comprei uns pães para forrar o estômago e voltei à casa para começar a cozinhar. Resolvi pedir gás para que não acabasse no meio do almoço ou, pior, num horário que não o entregassem mais. Pelo tempo de espera que me informaram, resolvi tomar um banho rápido antes de colocar a mão na massa, mas fui interrompida pelo sino da campainha.

- Só um minuto. – gritei e vesti a roupa sem me enxugar, enrolei a toalha na cabeça e corri até a porta.

- Quem é?

- É o gás.

- Mas já? – abri a porta sorrindo. – Foi rápido.

- Licença. – falou, já entrando.

- A senhora que me atendeu disse que vocês só começavam a entregar a partir de 8h.

- É. É mesmo. Mas quando me falaram qual era o endereço, eu fiquei tão feliz que quis vir entregar logo.

- Como assim? Por que todo mundo fica feliz em vir para minha casa?

- Porque essa casa já é famosa, moça.

- Mas por que é famosa?

Naquele momento, eu já confabulava algo como um cômodo da casa onde ocorrera um assassinato, mas não faria sentido as pessoas ficarem felizes em visitar uma cena de crime, então afastei o pensamento. Depois, comecei a pensar que talvez algum famoso tivesse morado na

minha casa, mas era simples demais para ser esse o caso. Quem sabe não tinha uma jazida de petróleo por baixo do piso? Eram tantas as hipóteses que eu não sabia se queria mesmo saber o que estava acontecendo. Não sabia se queria seguir com as perguntas. Não sabia se queria ouvir as respostas.

- Moça, você não trabalha para dona Lucilene?

- Dona Lucilene? De novo essa dona Lucilene? Eu nem sei quem é essa mulher.

- Moça, você não é uma delas?

- Delas quem? Eu não tenho nem ideia do que você está falando. Mudei para cá faz pouco tempo e não consigo entender por que as pessoas têm comportamentos estranhos comigo.

- É que... assim... Dona Lucilene morava aqui até pouco tempo... E ela usava essa casa pras prostitutas descansarem depois da noite... Se é que você me entende. A gente não sabia que dona Lucilene tinha saído daqui. Todo mundo tá achando que você é uma delas.

Primeiro eu o encarei fixamente com uma notória expressão de raiva, estalei todos os dedos das mãos em segundos; comecei a olhar ao redor para me assegurar que minha mãe permanecia dormindo. Depois, voltei a encará-lo... E larguei uma gargalhada. Para todos os efeitos, até então eu era a garota de programa na borracharia, minha mãe era uma cafetina na justiça, e para a rua toda, eu era a novata do bordel. Tudo agora fazia sentido. Depois de muita algazarra, dispensei o rapaz do gás e expliquei para ele que eu não era uma *delas* e que ele podia começar a espalhar essa história por aí. Fui para a cozinha pensando em como contar

para a minha mãe a novidade sobre nós duas. Pelo menos teria um almoço especial para compensar a raiva que ela provavelmente teria com a notícia.

- Mãe, as pessoas estão achando que eu sou uma garota de programa nova no bairro e que a senhora é a cafetina.

- Oi?

- Ah, sim, bom dia.

- Bom dia, minha filha. O que você disse?

- As pessoas estão achando que eu faço programa e que a senhora é cafetina.

- De onde você tirou isso? Sonhou?

- Pior que não, mãe. Descobri hoje – tentava controlar o riso enquanto pensava no jeito mais adequado de contar. – O rapaz que veio entregar o gás me confundiu com uma prostituta. Eu logo notei algo de estranho no comportamento dele, até que ele me contou que essa casa funcionava como repouso para umas garotas de programa.

- Eu não acredito. Emília. Não brinque com uma coisa dessas. Minha pressão está subindo. Você não tire graça com isso.

Eu queria rir – de novo – mas o momento era agora ainda menos adequado: minha mãe anda para um lado e pro outro, dando voltas ao redor da mesa, enxugando na testa, com a manga da blusa, um suor que sequer existia. Foi marchando em passos largos e ruidosos para dentro de casa enquanto resmungava coisas completamente incompreensíveis, batendo as portas dos móveis e dos quartos. Voltou tentando equilibrar

sete caixas de papelão na mão e uma pilha de jornais. Começou a enrolar copos e talheres nos jornais para encaixotá-los. Percebi que estava na hora de intervir de alguma forma, mas sem saber o que fazer, disparei:

- Eu fiz um almoço super especial só para nós duas.

- Embale. – Gritou – Estamos saindo dessa casa ainda hoje.

Já fazia mais de uma semana desde o dia em que quase nos mudamos em questão de minutos. Minha mãe continuava resistente à ideia de permanecer aqui, por receio de que as pessoas nos apontassem na rua, mas aquela era nossa casa agora e com o tempo, tudo isso deixaria de ser fofoca. Era hora de olhar diferente para as coisas se esperávamos que nos olhassem diferente também. Então enquanto voltava do trabalho aquela noite, resolvi passear pelo bairro, ouvindo música no fone de ouvido, curtindo o momento enquanto prestava um pouco mais de atenção no que estava acontecendo ao redor. Vi muitos alunos indo e vindo com suas mochilas grandes nas costas e apostilas nas mãos, pequenos comerciantes com seus negócios – restaurantes, barzinhos, lojas de roupas, mercearias – que cresceram junto e por causa da universidade. Vi policiais nas esquinas observando a movimentação e cuidando dos moradores. Ninguém andava sozinho por ali.

Parei para pensar na imagem que construíram do Rosa para mim e redescobri uma nova imagem por conta própria. Passei pelos meninos da borracharia, desejei boa noite com alegria e fui correspondida no mesmo grau de carisma. E antes de abrir o portão de casa, reparei no trecho de uma música que estava tocando justamente naquela hora:

Há tantos quadros na parede;

Há tantas formas de se ver o mesmo quadro.

Essa minha história agora era um quadro divertido que me arrancou muitas risadas. E a moldura, o Rosa Elze, adornava esse quadro. Como eu gostava de dizer: tudo é uma questão de perspectiva.

Emília mudou-se não faz muito tempo. Ela é natural da Bahia e morava no Sul a trabalho, mas conseguiu transferência no emprego para ficar mais perto da família e foi parar justamente no Rosa Elze. Eu a conheci no mesmo período em que entrei no projeto, mas nem cogitava entrevistá-la, levando em consideração que ela não tinha muitas coisas para me contar sobre o bairro. Apesar disso, estávamos conversando amenidades certo dia, e ela me contou algumas coisas curiosas que vivenciou em sua então nova casa; pensei como isso poderia se transformar em um conto. Perguntei se tinha sua autorização e logo começamos a explorar a história. Sendo assim, não foi exatamente uma entrevista que gerou este conto, mas uma conversa informal repleta de gargalhadas.

O processo de converter sua história em uma narrativa não foi trabalhoso, pois a narrativa estava praticamente pronta em sua fala; por essa razão, eu não esperava que a produção gerasse um resultado surpreendente para ela. Mas o que aconteceu quando entreguei a versão final para Emília foi mais que surpreendente: percebemos que descobrimos o bairro juntas enquanto explorávamos toda a narrativa. Além disso, ela me relatou que sua história, apesar de fielmente retratada no conto, estava com uma "cara nova" muito melhor que a versão relatada por ela – foi aí que eu consegui entender o propósito de transformarmos todas essas memórias em contos.

D. Jovandi e os aluguéis

Laís Carvalho

Enquanto ela falava, por diversas vezes, eu me perdi na história e prestei atenção nas palavras bonitas que usava. Eu achei charmoso quando ela disse “defronte”. Quem usa esse termo hoje em dia? Uma pessoa que marcou minha existência usava. Não sei se foi por isso que eu achei lindo ou se foi porque a palavra é bonita e arcaica. Gosto de arcaísmos. Há quem diga que sou velha. E sou mesmo, mas não na idade.

Fiquei tão impressionada com a linguagem de D. Jovandi que não me segurei e perguntei a escolaridade dela. Mas, que nada, ela riu tanto quando perguntei. D. Jovandi fez até a quarta série, mas lia muitos livros e procurava se educar. “Eu procuro me educar”. Essa frase me marcou tanto que na hora eu fiquei até emocionada, mas não demonstrei, claro. Pensei que se demonstrasse, ela poderia me achar despreparada.

A visão da pessoa quando já tem uma idade avançada fica um pouco falha, mas ainda assim ela procurava ler, e acima disso, educar-se. Não era só ler por prazer, pois não teve a oportunidade de estudar no passado. “Pobreza não tem defeito, né? Às vezes o defeito está na pessoa.” Os pais eram simples e desse modo lhe ensinaram, porém ela casou e não concluiu a escola. “Eu era desejada, e não era na beleza. Era na educação”. A fala da senhorinha de olhar doce e cansado, de cabelos brancos, e raiz castanha, lembrava-me de Graciliano em São Bernardo: “minhas palavras perto de suas palavras, são somente palavras”. A educação de D. Jovandi era a humildade e a gentileza. Essas coisas não têm nada a ver com escolaridade,

vêm da alma. No bairro, é conhecida como aquela que ajuda as pessoas, além de ficar sentada na frente de casa na calçada, sobre uma almofada vermelha. Lá, toma o sol das sete e ri, e conversa com os estudantes que passam ligeiramente, atrasados para suas aulas.

D. Jovandi acolhe tantas gentes em suas casas de aluguel, de outros estados, desconhecidos... A senhorinha, com semblante trêmulo, lúcido e forte, de voz rouca marcada pelos anos, me contou tantas histórias... Algumas que por arte já estão prontas. Eu procurei ouvir a palavra dela, pois quando conversamos sobre escolaridade, ela me disse algo sobre dar atenção às palavras das pessoas sábias.

D. Jovandi chegou ao Rosa Elze já adulta, casou e acompanhou o marido até aqui. No primeiro momento não gostou, pois, o bairro ainda estava em fase de construção: poucas casas, apenas um estabelecimento comercial, a mercearia. Antes de se mudar, morava no Bairro Siqueira Campos, em Aracaju. Lá tinha de tudo. Supermercado, açougue, feira, pessoas... Principalmente pessoas. Morava, pois, em frente a uma praça, onde aos finais de semana sentava nos bancos e conversava com as amigas. Sobre tudo, os vizinhos, o próprio bairro, a violência. Ela gostava mesmo era de gente. Quando veio para cá não conhecia ninguém; com filhos ainda pequenos, não conversava muito. Era um tanto sozinha. O melhor período do dia era a manhã, pois havia muitos alunos da Universidade. Da casa dela, dava pra ver a entrada da UFS. Desse modo, ela sentava numa cadeira na varanda de casa e observava o movimento dos jovens indo e voltando das aulas – é muito fácil imaginar a cena dela sentada na varanda. E mesmo sem conversar, apenas dando Bom Dia, ela pareceu se contentar porque via gente. “Mas de tarde batia uma solidão e uma vontade de voltar pro

meu bairro”. Mesmo sem gente para conversar, o Rosa foi crescendo. “O Rosa Elze agora é uma cidade”.

A maioria dos moradores daqui teve essa reação. Não gostaram de início, mas depois foram criando raízes. D. Jovandi, além de raízes, cultivou laços de amizade pelo bairro. Um deles foi com o farmacêutico Antero. Ele sempre a auxiliou todas as vezes em que precisou. A farmácia Eva tem um funcionário que, agora sabemos, não pode ser demitido; Antero ajudou com remédios no período em que a mãe de D. Jovandi esteve doente. Uma maneira de D. Jovandi conhecer pessoas e criar raízes foi alugando casas, ela as aluga para estudantes. Dá preferência a eles, porém há outros moradores também. Suas casas de aluguel são todas ao redor de sua própria moradia. Uma maneira de cuidar dos inquilinos é mantendo-os por perto. Não que ela precise disso para preencher seu dia, pois atualmente vive com uma filha e duas netas adolescentes. É a senhorinha mais conhecida da rua, se não do Rosa Elze. Todo mundo aqui já ouviu falar em D. Jovandi, a senhora da Rua BD que aluga e ajuda os estudantes a encontrarem casas pra morar.

Tudo a alegra. Ria durante a entrevista – até com coisas que um dia a deixaram triste ela riu, visto que passaram. Agora adora o bairro e se sente em casa. Disse que estava desarrumada. E nem estava. Mas se estivesse, teria sido arrumada pelas palavras que lhe saíam pela boca. D. Jovandi não pensou sobre o que falar, ela foi contando, divertindo-se. E algo me diz que durante aquelas duas horas de entrevista eu fiz companhia para sua pessoa. Ela gostou e eu também.

Quando ainda moça, lá no Siqueira Campos, as crianças do bairro acompanhavam-na sempre em brincadeiras, e também era a escolhida

pelos pais para tomar conta das crianças pequenas. Nos enterros e festas, ela acompanhava a meninada. “O povo confiava em mim. Sempre fui amigueira”. D. Jovandi gostava de ajudar, cuidou da mãe em leito. A sabedoria não veio à toa e não é somente da idade, do tempo de vida. São os momentos, as experiências cuidando de crianças, alugando casas, sendo Mãe dessa gente toda. “E ainda hoje sou assim”.

Dona Jovandi mora no Rosa Elze há 32 anos e aluga casas para estudantes universitários há algum tempo. As casas ficam ao redor de sua própria residência, é quase como uma vila. Mas eu diria que parece mais uma família, uma vez que, sou uma das inquilinas e desde que me mudei, há 2 anos, sou recebida com muito carinho e preocupação através da frase “Minha menininha, você está bem?” Desse modo, logo quando soube que precisava fazer uma entrevista com moradores do bairro, pensei em Dona Jovandi, pois é uma senhora muito conhecida na região. Imaginei que com os aluguéis ela teria várias histórias para me contar. E eu estava certa. Falei com ela numa terça-feira sobre fazer a entrevista, ela aceitou, pedindo-me que viesse no outro dia, às três e meia da tarde. Mas, antes mesmo do horário, Dona Jovandi pediu pra que o filho me chamasse, pois já estava pronta.

Conversamos por mais ou menos uma hora e meia e eu digo que a experiência foi, para mim, transformadora. Nós rimos de histórias antigas e eu a ouvi sem falar, sem questionar, apenas escutei atentamente todas as palavras que lhe saíam pela boca. E foi assim que sem querer, entendi o

objetivo do projeto: ouvir os outros e dar-lhes voz. Neste caso, voz aos moradores de um bairro que, apesar da Universidade, é marginalizado.

Após esse momento, iniciei a produção da narrativa com algumas dificuldades. E mesmo insegura, mostrei o texto pronto para a verdadeira dona, D. Jovandi. Ela pediu para eu ler. Ouvia e balançava a cabeça em sinal de que era mesmo aquilo que ela havia me contado. Quando acabei de ler, ela disse que eu tinha contado a história dela no bairro e me presenteou com cheiros na bochecha, falando que a surpresa foi mais do que especial. Ao final da visita, D. Jovandi me alertou mais ou menos umas três vezes exigindo a cópia que eu havia prometido, pois relatou querer guardar de recordação. Uma semana depois, quando eu voltava da aula, e como de costume, passei pela varanda da casa dela dando boa tarde, ao responder o cumprimento ela disse “cadê minha cópia que você não trouxe, eu quero viu?!”. E rindo, fui imediatamente providenciá-la.

Voinha

Giu Pereira

Apreensiva.

Muito, muito, muito apreensiva.

Eu já havia roído todas as unhas das mãos e não queria encarar minha Avó. As batidas do coração já ecoavam nos meus ouvidos e eu já podia imaginar a expressão dela. Os olhos que um dia já haviam sido grandes como os meus, agora escondidos debaixo das pálpebras, encarando-me acusatoriamente:

– Ahhh, menina! De novo?! Já é a segunda vez que você perde esse RG só nessa semana! Você só sabe perder suas coisas, pra quê você quer dessa vez?

– Se acalme, nem é tão importante assim, é só pra pegar um livro na biblioteca... - não era não.

– Ói, você sempre deixa suas coisas pra cima da hora! Ontem eu fui pro médico e sabe o que eu fiz? Ajeitei meus documentos tudinho de noite pra não ter esses problemas, acordei cinco horas da manhã, aí lavei o quintal, dei comida pros cachorros, fui pra ginástica da praça, arrumei a casa toda, fiz o almoço...

– Salvou o mundo... - resmunguei, enquanto ela continuava narrando sua rotina. Toda vez que ela fazia isso, eu me sentia tremendamente culpada por não ser tão útil como ela.

– Eu não gosto de deixar tudo pra cima da hora...

– Eu sei... - minha Vó já tinha revirado a sala em segundos, coisa que eu não teria feito em minutos. Na verdade, eu não teria feito metade do que ela tinha recitado da rotina dela, provavelmente só perdido alguma outra coisa, além do documento.

– Eu posso ir amanhã. Não precisa procurar agora - falei com a voz abafada.

– Ah, é mesmo? E quando chegar amanhã e você não tiver achado ainda, vai resolver como?

Suspirei.

– Não tem como eu procurar agora de qualquer forma, tenho que ir pra aula. Tô atrasada.

– Ainda tá atrasada! Misericórdia!

– Ah, Vó!

– Deixa, vai! Vá tomar seu café da manhã que eu vou procurar seu RG mais tarde!

– Nem é tão urgente - comentei indo em direção à cozinha.

– Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje - ela replicou, seguindo-me.

A cozinha da minha Avó era daquelas onde se misturavam detalhes caseiros e móveis chiques. Era culpa da minha mãe: ela tinha fetiche por decoração, tudo tinha detalhes em marrom, branco e bege. Vovó costumava organizar as coisas em potinhos rotulados e eu tinha uma

breve teoria de que ela estava sempre comprando novas panelas e recipientes de plástico para ter muita louça a lavar. Era seu *hobby* secreto.

Ela era notoriamente metódica, mas prática. Bem prática.

– Tem café?

– Só não tem pão.

– Ah! Tudo bem - falei, sentando-me e pegando uma xícara, servindo-me com o tal do café sem pão. Onde já se viu? Café sem pão com manteiga. Que tristeza.

Não era um dia bom. Não porque era um dia ruim em si mesmo, do tipo “tenho que entregar um trabalho malfeito daquele professor sadista” ou “vai chover o dia todo e eu vou ter que pegar ônibus cheio” ou “acordei com a alergia atacada e sei que nada vai dar certo”. Veja bem, tem dias que estão predestinados a serem ruins, mas aquela manhã era especialmente abominável. Eu sentia o peso do dia ruim, da semana ruim, do mês ruim, da temporada ruim... A manhã em seu pleno potencial de desencadear um bom dia, ofertava passarinhos, sol e clima ameno. Inúmeras possibilidades. O dia podia ser bom, mas eu, não. A ressaca de todos os problemas se acumulara nas minhas costas. A questão não era o dia. Era eu, emaranhada em enredamentos que só pioravam por não se ter pão de manhã cedo. Café sem pão. O fim do mundo.

Minha Vó percebeu; é óbvio que o sexto sentido exclusivo das avós, que lhes é embutido assim que a nossos pais é permitido nos gerar, notaria que alguma coisa estava errada comigo.

– O que foi? - questionou logo, quebrando o silêncio.

– Nada, Vó - tentei disfarçar. Outro silêncio se instalou entre nós enquanto ela olhava para mim séria com aquele olhar avoengo transparente, que enxerga a alma.

– Minha filha, eu tô preocupada com você. O que tá acontecendo? Você não tá bem.

– Por que a senhora acha isso, Vó?

– Não sei, você não é mais a mesma. De uns tempos pra cá você tem agido estranho. Aquela alegria que você tinha... Não sei... Parece que aquele seu sol interior tá se apagando aos poucos.

Fitei-a de volta e respondi:

– Acho que é só a vida, Voinha. Eu tenho estado bem cansada.

– O sol não se cansa de brilhar, não é mesmo? Acho que ele nem percebe que está brilhando. Não quero que você perca essa sua alegria, eu não tenho visto cansaço, apenas tristeza, e eu não gosto de ver ninguém triste, minha neta. Imagine você!

– Às vezes tenho vontade de me mudar. Ir pra longe.

– E viver sem mim? - ela perguntou meio risonha.

– Pra testar se consigo viver sem você, né? Tem acontecido muita coisa, e eu não sei se vou conseguir dar conta de tudo. De qualquer forma não posso largar tudo do nada, não é mesmo?

– E se mudar, resolve essas coisas aí dentro de você?

– Ué, funcionou com você, quando veio de São Paulo pra cá.

– Ahh! - minha vó bufou e abanou as mãos – São Paulo é um caso à parte! Todo mundo dizia que lá era lindo, o melhor lugar pra se morar.

Só quando fui pra lá que vi que não era nada disso! Tanta coisa aconteceu em São Paulo... Aquele frio véi ruim! Chegou um tempo que eu só queria era vir pra casa, voltar pro meu Nordeste...

– Nunca perguntei, Vó, por que Sergipe e não Bahia? Você é de lá, por que não voltou pra sua terra?

– Porque minha mãe morava aqui e minha irmã também. - ela falou e ficou pensativa como se buscasse a lembrança, alheia à minha presença - No começo foi difícil, sua mãe e sua tia iam ficar por lá. Sua tia até tentou ficar por aqui logo, mas emprego não era o forte daqui ainda. Foi difícil... - seus olhos vagaram, como quem revive uma lembrança - mas, quer saber de uma? Nada se compara com o sentimento de entrar naquele ônibus. Quando eu olhei aquelas luzes, eu nem acreditei, parecia assim que eu tava sonhando... - um sorriso preguiçoso desabrochou, iluminando toda a sua expressão - O clima daqui nem se compara! Um calorzinho bom e quando chove, dá até pra usar casaco! Quando cheguei em 2002, a praça do Rosa Elze não estava nem reformada e os terrenos eram baratos, acredita? Quem diria que estariam tão caros hoje em dia! - ela riu - Era tão tranquilo... Ainda é. Tem paz. Tinha alguma coisa diferente aqui que não tinha lá... Não sei dizer o que era. Era... Era... - ela ficou procurando a palavra certa.

Propósitos. Esperança. Sonhos. Era isso que tinha aqui e não tinha lá.

– Eu entendi, Vó. – disse, sorrindo.

São Paulo não era a pior cidade do mundo, nem São Cristóvão a melhor. O Rosa Elze era do jeito que era, porque minha vó e as pessoas daqui são do jeito que são. Fiquei olhando para ela e vendo como seu

jeito de falar, seu sorriso e suas expressões irradiavam por toda a minha casa. Não é o lugar que nos faz, somos nós que fazemos o lugar e ela fazia o Rosa Elze se tornar uma coisa tão linda. Nosso bairro era motivo de recomeço para ela e sempre seria especial por isso. Minha vó era uma máquina de sonhos e eu nunca tinha diminuído a velocidade o suficiente para prestar a atenção nisso. Ela era linda e me enchia de orgulho.

Talvez eu estivesse procurando respostas para perguntas retóricas, enquanto minha vó vivia as afirmações dela. Afirmações de dentro da alma, que a deixavam feliz. Eu não precisava me mudar para absorver meus problemas, precisava viver.

– Vó.

– Sim?

– Posso te perguntar uma coisa?

– Pode.

– Nunca se sentiu sozinha depois que se mudou? Mesmo nos primeiros anos?

– Não, minha filha. Eu não vivo na solidão, eu sou muito feliz. Aqui eu tenho amigos, minha família, meu trabalho. Eu nunca fico sozinha, estou sempre com meus cachorros, minhas coisas... E Deus. Esse lugar me completa - nós sorrimos. – Não se preocupe com os dias ruins, eles vão passar. Eu sei que você quer independência pra resolver suas coisas e que talvez se sinta insuficiente, mas ninguém pode fazer tudo sozinho. Embora talvez você não queira - ela riu - vou estar aqui por você, até o dia em que Deus me levar. Mesmo quando você viver sozinha e não precisar de mim pra achar suas coisas.

Apertei a mão da minha avó sobre a mesa.

– Obrigada, Vó.

– Aliás, que horas é sua aula mesmo? - dei um pulo na cadeira para ver o relógio e tomei um susto.

– Eita! Tô atrasada, Vó! Tenho que ir! - tateei os bolsos da calça procurando pelas chaves, ao que resvalei em um algum folheto quadrado, de plástico. Era o RG!

– Tá vendo aí! Tava com você esse tempo todo!

Eu sorri envergonhada, enquanto meu rosto esquentava. *É, estava comigo o tempo todo.*



Dona Almerinda é uma idosa muito enérgica. É minha avó. Baiana, viveu na roça na infância e mudou-se para São Paulo quando adulta. Em 2002 veio para Sergipe, decidida a ficar no Nordeste, próxima de sua irmã e sua mãe. Desde então tem participado ativamente da comunidade, abriu seu próprio negócio (uma boutique de roupa feminina), engajou-se nas atividades da paróquia e no projeto de exercícios físicos para a terceira idade na praça do Rosa Elze.

Quando eu pensei em chamá-la para participar deste projeto de Escrita Criativa, considerei tudo aquilo que eu já sabia sobre ela, devido à convivência diária e por seu histórico de vida carregado de momentos marcantes. Pensei também, além do nosso bom *rappor*t, na visão positiva que ela tinha do bairro, uma perspectiva que eu particularmente achava digna de ser colocada em nosso trabalho.

No entanto, conversar sobre sua vida tornou-se um pouco mais complicado do que parecia de início, pois ela não se achava merecedora de ser entrevistada para um trabalho da UFS. Suas desculpas variavam entre “será que eu vou saber o que falar?” e “tomara que eu não fale nada errado”. Além do mais, mesmo tendo um bom relacionamento com ela, percebi que ela não queria que alguns fatos, que para mim eram essenciais para o trabalho, fossem compartilhados. Nossa entrevista durou cerca de 20 minutos; creio que ela por ser tímida, e por eu ter citado que era para a Universidade, tenhamos mantido um tom formal e até neutro.

Com o resultado da entrevista, para desenvolver o texto, decidi por deixar de lado os fatos do passado da vida de Dona Almerinda e capturar a

sua essência como pessoa. Desenvolvi a narrativa, portanto, sobre a nossa relação neta-avó, baseando-me nas nossas situações cotidianas, acrescentando a descrição do bairro que me relatara em sua entrevista.

Ao entregar um rascunho do conto para Dona Almerinda, ela soltou: “é tudo verdade o que está escrito aí!”. Ficou feliz por ter contribuído e até comentou comigo em outra conversa: “me senti importante por participar de um livro, participar desse projeto e desse livro se tornou algo muito importante para mim”.

Ela é uma pessoa muito simples e maravilhosa. O projeto foi uma oportunidade única para eu refletir sobre a pessoa incrível que eu tenho como minha avó. O texto acabou sendo um pequeno presente para ela. Talvez não tão bem embrulhado como ela merece, mas sincero.

Praça da alegria

Igor Gadioli

Minha vinda para cá se deu da seguinte maneira: em setenta e oito, fiz vestibular e passei. Estudei um ano ou mais, mas por motivos outros, tive que abrir mão da vaga. O destino me levou do estudo e fiquei com aquela paixão escondida... Tinha meus filhos, fui trabalhar; na minha cabeça, eu me ocupava com outras coisas, e a rotina me tomava na força e na atenção. Um dia em que eu já andava meio esquecida, chegou a aposentadoria – e numa batida de relógio, tudo parou. Abriu-se um rasgo nas semanas. Decidi por fazer uma coisa ou outra, mas nada me preenchia. Ficava em casa parada, de braços cruzados, a brigar com as paredes; minha filha testemunhava o enxame em silêncio, até que um dia disse, “mãe, porque a senhora não vai pra universidade?”. Eu disse, “como? No vestibular de hoje?”

Achei o caminho de volta pelo Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade. Entre o meu Rosa lá de fora e o que encontrei aqui dentro, um céu se abriu. Agora faço meus estudos e tenho muito a apanhar das matérias, enquanto que em casa só apanhava doença de cabeça vazia. Cada hora que estou na aula é um dia do passado que tomo de volta. Os calhamaços repletos de conceitos e ideias, costurados em capas e espirais, abundantes sobre carteiras e estantes; os professores muito estudados; os colegas de turma, uma juventude que tem tempo para tudo, mas não tem hora para nada... Como demorei a retornar. Até que enfim eu vim, e agora estou aqui; e até quando as pernas aguentarem, eu estou aqui.

Estamos em julho. Minhas matérias já fecharam e eu ainda estou na UFS. É que fiz as disciplinas, mas fiz também amizade com as meninas da minha idade - formamos uma pracinha. Como diz Luísa, aqui nós fuxica, nós tricota, nós faz crochê, e vai levando nossa vida. Estou aqui na praça a me virar de rir com as ousadias de uma e de outra, mas em uma espiada por sobre o ombro, enxergo nos corredores vazios minha memória fotográfica dos últimos meses: jovens de cabelos longos ou armados, com roupas modestas e curiosas, ocupam os bancos da praça, estão de passagem entre os prédios, formam rodas de conversa aqui e ali. Vendem doces e uns *bottons* da Mafalda para inteirar aluguéis ou uma cerveja mais tarde, não sei. Mas agora, nas férias, sobram apenas a vaga dos jardins e um ocasional vigilante fardado em ronda, absorto em alguma ideia distante. Em meio à nossa paz de jardim e grama, vivo esse lapso em segundos e volto-me para o nosso círculo de quatro amigas na praça. O papo já se estende por mais de três horas. As horas mornas da manhã estão se desfiando, mas não há obrigação à minha espera em casa além das plantas ou da novela, isso caso eu não durma mais cedo.

E se por um acaso eu não venho por aqui, já me pego nervosa. Aconteceu de estar tudo fechado outro dia, saí de casa sem saber; na entrada, só as grades cerradas e uns cartazes ou panfletos soltos no chão, arrastados a esmo pelo vento. Era como um domingo no meio da semana, ou algo assim... Voltei um pouco desnorteada, e nem com as meninas da pracinha consegui falar. E me deu uma crise de nervosismo, e eu ficava pra dentro e pra fora de casa... Aí meu filho disse, "o que foi, mainha? Tá sem paciência, é?", "é meu filho, tô sem paciência, tô sem paciência...", "é porque não saiu de casa hoje, é?", "é, meu filho, é porque não saí de casa hoje" - aí ele disse, "tome dois reais, vá ali na padaria comprar pão, vá"... E assim, saí

de casa... Virei criança, virei menina de recado. Fui comprar o pão, já era noitinha. Voltei, fiz um café forte, tomei e fiquei sentada, esperando o tempo passar.

Nossa praça não é na rua - a gente está onde os meninos estão. Aprendo muito com os jovens, e quem sabe, eles tirem alguma lição com a gente. Recebem-nos bem, mas eu também fico na minha. Somos mais velhas e somos novatas. Mas não somos velhotas - nossa praça não é de idoso, repare bem: a gente não vem aqui para alimentar pombo de milho... Aliás, nem de pombo eu gosto. E na UFS não vai ter pombo é nunca, disso eu já sei: os gatos tomaram conta do campus há muito tempo, cuidando de tudo com ordem felina. Há quem diga que aqui, aluno que jubila vira gato. Já pombo é meio lerdo, ensaia esbarrar na gente a toda hora, tem prazer de encher o saco. Gato não, é um bicho ágil, é ligeiro. Tem quem não goste, mas eles estão por dentro de tudo - das salas, inclusive. Quem entra idoso aqui, larga logo a cara de pombo. Participar do NUPATI para mim foi ótimo, está sendo, e eu espero em Deus que sempre será. Para mim, a universidade é um sossego. Para mim, é conhecimento. Na turma da nossa praça é proibido ficar com raiva.

Reconheço não ter me apercebido bem do esforço que requisitava de meus alunos até quando eu mesmo precisei usar uma das entrevistas para criar um conto. A entrevista que deu origem à “Praça da Alegria” foi realizada com alunas do Núcleo de Pesquisa e Ações para a Terceira Idade numa manhã de fim de semestre na UFS. Em uma pracinha que fica entre os prédios departamentais do CCSA no campus de São Cristóvão, ponto de encontro do pequeno grupo, Emilly Raiane encontrou e conversou com quatro adoráveis senhoras. Reconheci potencial no material, mas não consegui que as narrativas dos alunos que tentaram usá-lo fizessem jus às vozes no áudio. Assim, terminei sendo o único autor que lidou com uma entrevista realizada por terceiros. Isso me gerou alguns dilemas inicialmente, diante da proposta que eu mesmo fizera ao grupo de entrar em contato com a realidade local dos participantes para buscar sua voz e essência nas linhas criadas. Mas meu contato com Emilly, o conhecimento desse grupo na Universidade e meu encanto com a entrevista terminaram por possibilitar uma história que lembrasse um pouco a praça de senhorinhas arretadas.

O áudio estava muito convidativo ao trabalho – as quatro alunas falavam com entusiasmo, brincavam umas com as outras, encobriam as falas das colegas com risadas e gracejos; faziam declarações de amor à UFS e ao NUPATI. Não tenho dúvidas de que se sentiam bem na Universidade porque, enquanto falavam, até eu me senti em casa. A espontaneidade delas levou a própria Emilly a confessar, em vias de concluir a entrevista de 20 minutos: “vocês são muito mais felizes do que a maioria dos alunos daqui”.

Tentei manter esse espírito vivo na narrativa. Há inclusive uma série de pequenas passagens que simplesmente extraí das falas, digitei na página

e voilà: lá estava uma linha de diálogo ou raciocínio pronta para dar frutos. Mas isso exigia que eu desenrolasse a trama ou ideia na mesma batida, com a autenticidade de quem tinha muito a falar e com a sensibilidade de quem soube perguntar e ouvir. Reuni falas e relatos das quatro enquanto escrevia, e fui notando que se tratavam de histórias irmãs - a um ponto tal de a semelhança parecer uma só ficção. É um retrato que conta um pouco da experiência de todas, composto por várias vozes, o qual me calhou a oportunidade de assinar.

Travessia II

Adauri José

Dona Silva ficou surpresa quando uma semana antes do dia previsto para Gaia vir ao mundo, começou a sentir contrações e foi levada à maternidade. Elas chegaram ao lar com a noite posta, naquele verão de 1990. No lusco-fusco daquela rua mal iluminada, Gaia veio nos braços do pai, enquanto sua mãe era amparada por Helena, primeira filha do casal. O carro que as trouxera da maternidade quebrou bem no meio da ladeira. O veículo emprestado às pressas por um amigo do irmão do senhor Silva, foi o único transporte disponível, pois ônibus no bairro só na avenida principal, distante quase um quilômetro.

Gaia passou a infância num meio quase rural quase urbano. Gostava de brincar no terreno que ficava na entrada da residência, entre o muro da frente e o portão de acesso à parte interior da casa. Quando começou a frequentar uma das poucas escolas do bairro, na companhia de sua irmã alguns anos mais velha, Helena, fazia do caminho uma festa. Na volta da escola, ela metia os pés nas ruas de areia e argila formando sulcos onde a areia era mais branquinha e fofa, o que deixava sua irmã irritada. Moravam numa casa de esquina, e bem ao lado havia um sítio cujo fundo dava numa pequena padaria no topo da ladeira; Gaia perguntava à irmã porque as casas vizinhas eram todas brancas com uma porta e uma janela de madeira; Helena limitava-se a responder: porque sim.

Na cozinha, Gaia ficava observando a fumaça que saía das panelas e desaparecia antes de chegar ao teto. Sempre que podia, ficava folheando

os livros da irmã, olhando com atenção as figuras – parecia entender o significado delas. Nunca rasgou uma única página sequer. Passava horas perto de sua mãe assistindo-a trabalhar. Às vezes, rodeava a máquina de costura tentando entender como dona Silva podia, apenas mexendo os pés lá embaixo, fazer aquele mecanismo girar e a roupa sair bem cosida lá em cima, enquanto mexia as mãos com o olhar atento na linha que se agarrava ao pano.

Mais pessoas começaram a transitar pelas ruas depois da entrega do novo conjunto que ficava ao lado da casa dos Silva. Uma dessas pessoas era uma senhora idosa, corpulenta, de cabelos grisalhos, olhos grandes e negros separados por um nariz adunco, conhecida apenas como Sadiba. Ela jurava que era descendente de árabes. Mulher amável e prestativa, fez logo amizade com os vizinhos. Seu primeiro encontro com Gaia despertou na menina uma vontade louca de chamá-la de dona coruja, o que foi veementemente proibido por seus pais.

Quando dona Silva precisava sair e não tinha com quem deixar a Gaia, era na casa de Dona Sadiba que a menina passava a tarde quase toda, aguardando alguém ir lá buscá-la. Isso não era incômodo para a garotinha, pois a casa da vizinha tinha um quarto cheio de livros que pertenceram aos filhos da dona da casa. Vendo o cuidado que a menina tinha com os objetos, Dona Sadiba não falava nada quando a via arrumando-os tranquilamente em ordem alfabética nas estantes espalhadas pelo quarto. Toda tarde, a vizinha ligava o seu rádio de pilhas, presente de um dos filhos que, há pouco, fora morar em Londres e prometera levá-la uns dois anos depois. Assim, a dona da casa só ouvia um programa chamado “Good Times”, enquanto suspirava e sonhava como seria viver o resto dos seus dias ouvindo o som do Big Ben. Gaia passou muitas tardes lendo todo tipo de

livro e ouvindo música na casa da vizinha. Era impossível voltar para casa sem cantarolar aquelas canções românticas, mesmo sem entender uma palavra.

Chegou a hora de dona Sadiba partir com o filho, mas as lembranças daquelas tardes nunca saíram da cabeça da menina. Nessa época, Gaia passou a frequentar a Universidade com a irmã mais velha. Nas vezes que passou pelo local anteriormente, ficara impressionada com a quantidade de alunos que entrava nos ônibus. Aquele povo todo, em pé, disputando os poucos lugares vagos que restavam no veículo.

O crescimento do bairro se dava a olhos vistos, e junto com ele a vontade que Gaia nutria de aprender aquela língua falada nas canções crescia em igual proporção; porém, a pouca idade, a condição precária da escola onde estudava e a falta de recursos da família para comprar material adequado para estudo de uma língua estrangeira adiavam a realização do desejo da menina. Gaia brincava de escola com sua irmã (quando esta estava de bom humor). Nas brincadeiras, ela adorava ensinar como se fosse gente grande; fazia atividades como ditado e até sabatina com a única aluna da sala. A professora – Dona Silva, como gostava de ser chamada – pegava uma régua de madeira e fazia perguntas sobre os nomes dos elementos da tabela periódica com suas respectivas massas atômicas, coisa que a referida professora sabia de cor.

De repente, os ônibus começaram a circular no bairro em maior número, os bares e pequenas lojas foram se multiplicando gradativamente. Taxi lotação, farmácias, supermercados passaram a ser comuns ao redor da casa da família Silva. A dependência do bairro em relação a Aracaju como centro dos serviços mais básicos estava sendo superada; Gaia sentia que

devia superar, também ela, essa dependência em relação aos seus pais e sua irmã mais velha. Foi esta quem comentou em casa sobre uma vaga de bolsista em uma instituição de ensino em Aracaju. Nesse instante, os olhos de Gaia brilharam; olhou para sua mãe que, sentada em frente à máquina, fitou-a com um olhar diferente. Sorria sim de satisfação, mas a menina não entendia porque uma lágrima rolava pelo rosto da senhora Silva.

Depois daquele dia, Gaia começou a trabalhar como bolsista à tarde, enquanto terminava os estudos pela manhã. Não comeu o pão que o diabo amassou, mas comeu muito pão amassado dentro de uma bolsa de papel devido ao aperto durante as viagens no ônibus lotado. Comia pão sem suco, nos poucos minutos que tinha de intervalo de almoço. Nessa mesma época, foi aprovada no vestibular; tinha agora outra pedra em seu caminho: como pagar as passagens de ônibus? A resposta veio em forma de roupas. Dona Silva aumentou as encomendas para conseguir garantir as passagens de volta da universidade; Gaia cursou apenas uma disciplina, à tarde, naquele período. Ia a pé e voltava de ônibus, assim evitava atravessar a avenida e andar pelos terrenos baldios sozinha à noite. Mais do que o medo de andar sozinha pelas ruas mal iluminadas do bairro, o que lhe dava azia e ansiedade era a possibilidade de reprovar em alguma disciplina da universidade. Via sempre a imagem de sua mãe sentada atrás de uma pilha enorme de roupas costurando, costurando... Às vezes, Gaia pensava no futuro e tinha medo.

Hoje, olhando para o passado, Gaia sabe o porquê daquela lágrima no rosto da mãe. Dona Silva já imaginava as dificuldades que a filha enfrentaria dali para frente. Mas estava feliz, pois desde muito pequena, a menina mostrava garra.

Minha participante, tratada nas narrativas como Gil em uma história (Travessia I) e Gaia, na outra (Travessia II), é moradora do Rosa Elze desde que nasceu, há quase 30 anos. Estudou sempre em escolas públicas do próprio bairro, com exceção de 4 anos de curso técnico numa escola profissionalizante em Aracaju. Conheci-a quando estudávamos na UFS e fiz algumas disciplinas de Literatura e Inglês, entre outras, na mesma turma que ela. Seu comportamento me chamou logo a atenção: falava sempre com desenvoltura e confiança e demonstrava uma organização incrível em tudo o que fazia. Gil (Gaia) conhece o bairro detalhadamente e acompanhou o seu desenvolvimento durante toda a sua vida, viu a universidade mudar e se modernizar em vários setores. Hoje ela trabalha na UFS e está concluindo o Doutorado na área de Literatura pela instituição.

A entrevista foi feita na universidade durante um intervalo raro entre suas atividades. Antes de começar a escrever os textos tive dúvidas se o conteúdo gerado daria uma boa narrativa. Mas depois de analisar um pouco alguns acontecimentos relatados, pude perceber a história de uma mulher forte que veio de uma família pobre moradora de um bairro pobre, mas que era um exemplo de como o trabalho, a dedicação e a coragem de encarar os desafios podem mudar para melhor a vida das pessoas. Ao converter os relatos em narrativas ficcionais, tive a oportunidade de rever alguns conceitos na minha própria escrita e a chance de criar a partir de uma ótica externa uma história com meu estilo e ponto de vista. Ao ver suas impressões sobre o bairro, sobre a sua própria vida e sobre a universidade, minha participante ficou bastante satisfeita por participar de algo que pode dar maior visibilidade às pessoas que vivem no Rosa Elze.

Pontes

Pedro Paulo

Antes da ponte, havia uma ponte, e pelo menos era assim que Samara entendia, pois considerava que o caminho até o Barreiro se tratava, na verdade, de uma interligação. Veja bem, você segue pela avenida principal, a João Bebe Água, e, indo em um sentido ou no outro, vai parar no Eduardo Gomes ou no Bairro América. Pela lateral da avenida, um intricado de comércio e casas (uma boa parte alugada para estudantes) monta o Rosa Elze, o afastado *bairro universitário* de São Cristóvão, e do outro, a famosinha: a Universidade Federal de Sergipe. Mas o Barreiro não fica nessa rota. Com a universidade deixada um tanto para trás, vê-se a Escola Estadual Armindo Guaraná, cuja esquina faz paralelo com outra, do imenso parque tecnológico, a SergipeTec. Entre as duas, margeada por uma ciclovía, segue uma longa e larga rua de paralelepípedos que termina na entrada “secundária” do Barreiro. Esse caminho é a ponte antes da ponte.

Seguindo por ali, são trezentos metros de caminhada até alcançar o campo de areia onde jogam bola os meninos e homens descamisados, além de uns tantos outros sentados à beirada do campo esperando sua vez, conversando, torcendo e xingando. Desses, uns poucos percebiam a sua passagem, o que sempre fez Samara corar. Em verdade, nunca admitira, mas sempre se sentira desconfortável, deslocada. Experimentara ir de sandálias, sem a bolsa transversal de couro, e tantas outras combinações que deveriam fazê-la passar despercebida, mas o desconforto não a abandonava. Nunca diria a ninguém, claro, pois o que pensariam dela? O

que pensariam do projeto de antropóloga que se empertigava até o periférico Barreiro para entrevistar seletos moradores?

Para completar, a segunda ponte vinha a desafiando nas últimas semanas em que viera conduzir suas entrevistas. Esta era muito diferente da primeira. Placas de ferro gradeado tinham sido ligadas para conectar uma margem à outra do córrego de esgoto que passava logo abaixo, seguindo por detrás de uma baixa, mas longa murada separava o Barreiro da SergipeTec. Aquela ponte vinha sendo a travessia de pedestres, ciclistas e motociclistas ao longo dos últimos anos, um caminho mais curto para sair do bairro. Nas últimas semanas, porém, uns poucos motociclistas já pensavam duas vezes antes de atravessá-la, preferindo o caminho que “desembocava” diretamente na avenida, numa subida por um irregular caminho de terra.

Agora diante da ponte, Samara também pensava duas vezes, ao observar como ela havia entortado para a direita, uma de suas traves já começando a se desenterrar do chão barrento, os corrimões enferrujados já não parecendo ofertar a mesma segurança. A ponte balançou quando um motociclista passou e uma das placas de ferro se soltara da outra, um pouco empenada para baixo. Teve a impressão de que uma criança inadvertida conseguiria deslizar por ali e parar bem no meio do esgoto. Estremeceu, imaginando se uma antropóloga desatenciosa também não conseguiria cair por ali da mesma forma.

Enquanto debatia consigo mesma sobre o que ensaiar uma desculpa para remarcar a entrevista significava para a sua carreira como antropóloga, aproximava-se uma senhorinha no sentido contrário. Pequeninha e magrinha, pele enrugada, ela andava devagar, óculos escuros e um

bonezinho branco a protegê-la poente alaranjado. Foi o rangido da ponte que avisou a Samara daquela arriscada passagem e, embora o próprio caminhar vacilante da senhora estremecesse aquele obscuro caminho de ferro, ela chegou até o outro lado sem cair feito criança – ou feito antropóloga. Chocada com tamanha coragem, Samara nem percebeu que tinha sido notada.

— Tá com medo, minha filha? — ela tomou seu sobressalto como resposta — Tô vendo que tá sim. Não precisa se assustar não, que eu não mordo.

Samara riu, aliviada.

— A senhora não tem medo não?

— Silvana, minha filha, senhora não. Silvana. O que eu temeria?

Apontou:

— Da ponte, assim desse jeito. Tá toda ruindo!

Silvana se virou, levantou as sobrancelhas, meneando a cabeça bem devagar.

— É verdade, né? — deu um tapinha no ar — Mas, besteira. Tem muito tempo que dizem que vai cair, menina.

Samara estava perplexa, Silvana só riu.

— Mas também, minha filha, meu filho vem me buscar aqui e eu não quero esperar não. Tem um tempão que quero voltar pra Itaporanga. Meu filho queria me buscar na porta de casa, “porque a senhora teve um derrame, *pipipi popopo*” — fez um bico — Pois! É justamente por isso que

não quero esperar em casa, porque demora mais e vai que eu tenho um piripaque *antes* de voltar pra Itaporanga? Deus me livre. — Benzeu-se.

De início, Samara só piscou, balançando a cabeça em concordância, o característico sinal que diz: *é, é mesmo*. Trocou o peso de uma perna para outra, lutando contra o reflexo de recorrer ao bloquinho de anotações na mochila. Um namoradinho uma vez brincara que Samara se esquecera de como se conversava como uma pessoa normal, mais habituada a entrevistar do que a realmente dialogar. Suspirou e cruzou os braços, tentando ignorar a mochila nas costas.

— E por que essa ansiedade toda, senh... Dona Silvana?

Sua não-entrevistada baixou o olhar, refletindo, preâmbulo de um sorriso nos lábios. Deu de ombros, gesto tão sucinto quanto o sorriso.

— Eu só vim para cá por causa da minha mãe e... Oxente! O que foi que tá com essa cara?

— Sua *mãe*? — embora envergonhada com o próprio choque, Samara não ignorava que Silvana já era um tanto idosa.

O sorriso da senhorinha se abriu completamente, enfim.

— Minha mãe! Faleceu tem três meses, mas semana passada fazia cento e um anos.

— Cento e um?

— Cento e um! — ela não escondia o orgulho — Ela era diabética, tinha um problema de pressão, mas só, só, só! Você sabe, esse pessoal mais antigo era mais saudável, né.

Samara concordou, querendo perguntar por que a mãe tinha vindo para São Cristóvão, ao que dona Silvana se adiantou:

— Ela veio pra cá porque ficava mais fácil pra os médicos, né? Então eu vim junto pra ajudar a cuidar dela. Mas agora que ela faleceu, Deus a tenha, acho que é hora de voltar pra casa. Porque lá, agora, como eu já tô aposentada... No interior, na *minha* casa, tenho meus bichinhos, eu tô à vontade. Posso andar, sabe?

Por mais uma vez, não suprimiu a antropóloga em si, pois na sua mente a ligação se fez num instante: *pois se lá ela pode andar...*

— Aqui você não pode andar, ficar à vontade? — as palavras saíram mais rápidas do que gostaria, tanto que assustou sua nova amiga. Corou. A senhora deu de ombros, reproduziu aquele tapinha no ar.

— Aqui tem algumas coisas, mas aqui é o que acontece em todos os lugares. A violência está em todos os lugares. E grave, né? Porque morte, essas coisas que tá agora, né...? Esses garotos só querem... *É*.

As reticências falaram alto, Samara quis mudar de assunto. Apontou o queixo para a ponte.

— De certa forma isso é uma violência, né? A ponte assim, desse jeito.

Dona Silvana olhou para onde apontou, mas não exibiu concordância, parando como se medisse algo.

— Menina, você é da universidade, é?

Samara deveria estar feito um tomate. Seu disfarce havia sido arruinado! Assentiu com a cabeça, a senhorinha riu.

— Sabia. Ô minha filha, eu acho que é ruim mesmo, mas é porque tô aqui tem um tempo já, sabe? Antes era diferente. Não tinha essa pontezinha, era esse canal e quando enchia, nós não podia passar por aqui. Só tinha dois caminhos — apontou para trás, nenhum ponto específico — era lá e cá. Quando chovia tinha umas ruas que enchia que entrava em casa e pra passar ali, era de canoa — ela sorriu — tinha uma canoa!

Samara seguiu com os olhos o apontar de Silvana, sem se situar de verdade, mas entendeu o que ela queria dizer. Entendeu que ela estava ali havia muito tempo e que por isso havia visto o bairro mudar para além do que uma jovem estudante conseguiria conceber. Embora seu dedo coçasse para alcançar o bloco de notas, soube que não se esqueceria disso, mesmo se não anotasse. A senhora baixou os óculos, estreitou as vistas. Pensou que tinha visto passar o carro do filho, mas não era ele.

— Quero voltar logo porque já, já é São João, sabe? Não sei se vou passar aqui ou lá. Aqui já tem lenha para fazer a fogueira, que meu fio trouxe na Kombi. Aí nós bota a mesa, é milho assado, milho cozinhado — contava nos dedos — é pé-de-moleque, pamonha, laranja, é amendoim... Tem de um tudo e lá no sítio tem ainda mais espaço. — tocou seu ombro — Você é de Aracaju, é? Sim, sim. Pois, se eu te convidasse prum São João desses, você iria? Porque aí veria uma festa de verdade, do jeito que minha mãe fazia lá no sítio, do mesmo jeito que *eu* faço hoje.

Era óbvio que não podia negar o convite e tampouco queria rejeitá-lo. A propaganda da itaporanguense a convencera e se houve amargura no sorriso de consentimento de Samara, foi só porque sabia que não atenderia ao tal São João. Certamente nem veria aquela senhora de novo.

Pouco antes do fusca azul de seu filho chegar, Silvana ainda lhe perguntou o que fazia ali, afinal. Explicou-lhe sobre as entrevistas e sobre o projeto do qual fazia parte. Por isso, após acalmar a mágoa do filho por não ter deixado que a buscasse em casa, Silvana deteve-se na porta do carro, virando-se para Samara.

— Pode passar na ponte, minha filha, ela não vai virar não, pode confiar!

Ao inesperado incentivo, só conseguiu rir, observando o fusquinha seguir seu caminho pela longa estrada que Samara tomava como a ponte antes da ponte. Atrás de si, agourenta, um rebentado de ferro enferrujado e retorcido aqui e ali, resistia a segunda ponte. Só do outro lado dela, o seu objetivo. Caminhou até a beirada daquela travessia e contemplou o esverdeado pútrido do esgoto logo abaixo. Tocando o corrimão, sentiu o morno do metal que levava sol durante o dia inteiro.

Samara virou o tronco, olhando para trás. Não soube naquele momento se o gesto refletia uma vontade de fugir ou um mero desvio de olhar que lhe permitisse uma maior consideração sobre o que estava prestes a fazer. Mais tarde naquele dia, porém, concluiria que algum ditame do destino a fez olhar para trás, pois só dessa maneira pôde ver que estava sendo observada. Sentado na grama que beirava a quadra de terra, um dos rapazes estava virado para ela e ao perceber que foi notado, sorriu. Samara retribuiu. Então ele assentiu a cabeça, como se sinalizasse. Ele viu a dúvida em seu rosto, pois voltou a gesticular, dessa vez usando a mão. Dessa maneira, foi mais claro o que ele queria dizer e conseguiu até ler os seus lábios. Dizia: *vá, passe! Vá!*

Aquilo não lhe deixou espaço para medo nenhum. Alargou o sorriso e direcionou ao rapaz um aceno de concordância. Voltando a estar de frente para o Barreiro, começou a caminhar, sua passagem imediatamente registrada pelo ringir da ponte. A travessia estremeceu ao seu primeiro passo e de novo ao segundo. Uma das placas de ferro, a empenada, protestou mais alto que as outras e então se soltou, uma das extremidades ainda afixada, a outra dobrada para baixo, alcançando o esgoto. Observando o vão que se formara logo atrás de si, percebeu que agora *realmente* passaria por ali se caísse. *Tem espaço o suficiente para cair uma antropóloga inadvertida.* Torceu o nariz para o cheiro acre.

Quase na ponta do pé, cheia de melindre, prosseguiu.

No outro lado da ponte, a areia em torno das traves começou a ceder e então a ponte desnivelou num repente, o lado de lá riscando um sulco na terra até que estivesse mais baixa do que o outro lado. O caminho que percorria se inclinou e antes que pudesse se dar conta, descia uma ladeira ao invés de atravessar uma ponte. Não soube se começou a correr pelo susto ou por mero efeito da inclinação. Ao som do protesto das ferragens da ponte, foi com uma corridinha desajeitada que chegou até o outro lado, finalizando-a com o mais terrível saltinho já realizado, apenas para que não desse de cara com a terra dura da margem, que agora estava na altura de sua cintura. Caiu meio ajoelhada no outro lado, o resto do corpo cedendo à gravidade, fazendo com que rolasse pelo chão pedregoso. Sentiu de imediato o ardor no joelho sobre o qual se apoiara na queda.

A dor não a impediu de se levantar em um salto, mas já era tarde demais. Do lado da ponte do qual viera, os jogadores de futebol se

enfileiravam, uns inspecionando o estrago na ponte, mas a maioria a olhando, como se não soubessem o que dizer. O primeiro, um garoto baixinho que ostentava em suas feições os princípios da pré-adolescência, foi o primeiro a se pronunciar.

— Eita bicha rápida da peste!

E então esticou a vogal *i* num grito pigarreado logo seguido pela gargalhada geral. Eles aplaudiram, *parabenizavam-na*. Samara riu também, pensando que sua vergonha talvez tivesse caído no esgoto. Olhou para a travessia, verificando que a ponte não tinha realmente caído, já que ligava – subindo ou descendo, a depender de onde você venha – uma extremidade à outra.

Samara deu de ombros. Julgou que dona Silvana acertara. Afinal, a ponte não havia caído de verdade, como ela dissera que aconteceria. Samara mediu ainda que tampouco teve que atravessar numa canoa. Mas mesmo com essa positividade, não deixou de se aproximar da margem, avaliando o estrago. *Um dia vai cair...* Poderia uma ponte zombar? Pois aquela zombou.

Estava atrasada para a entrevista. Virou-se e seguiu seu caminho pelas ruazinhas de terra, sentindo-se uma verdadeira antropóloga.



Nós dois começamos um tanto tímidos. Eu estava eticamente (e sim, um pouco vaidosamente) comprometido com uma postura de pesquisador em campo e queria, a todo custo, fazer daquilo uma conversa; a senhorinha, por sua vez, estava verdadeiramente preocupada se daria para mim as respostas certas. Não foi apenas uma a ocasião em que me perguntou se “deu para responder um pouquinho”. Veja bem, ela me contou suas próprias histórias, compartilhou anseios e assim me possibilitou visualizar aquele mesmo lugar vinte anos antes. Ainda assim, questionava-se se tinha me respondido. Talvez eu não devesse ter mencionado aquele encontro como uma entrevista, pois a fiz pensar que tinha que me passar as respostas certas e não as suas experiências. Para o conto, levei bastante dela e do que conversamos, mas precisei fazer algumas alterações para converter minha entrevista em literatura.

Para fazer entender bem o porquê das mudanças que fiz para montar o enredo, cito duas escolhas fundamentais: não fazer do conto baseado numa entrevista uma história que se passasse numa entrevista; e aproveitar espaços verdadeiros do Barreiro, dentro da perspectiva da personagem, para realmente materializar sua insegurança. Os futebolistas da quadra de areia e a ponte meio arruinada são elementos reais do bairro e eu quis tratá-los como partes de um cenário que impusesse dúvida à protagonista. Dona Silvana me recebeu na sala de sua casa. Acomodava-se no sofá enquanto eu sentava numa cadeirinha de frente para ela, o que nos deixava bem próximos. Tivemos uma boa conversa e o que eu fiz de fato foi transportar esse diálogo para outro lugar, para o pé da ponte, ao lado do

jogo de futebol. O diálogo entre as personagens não difere muito do que eu e minha entrevistada tivemos.

Eu tive mais de uma chance de conversar com Dona Silvana sobre os rumos deste conto. Já é uma senhora, cheia de memória. Contou-me uma história repetida que ouvi de bom grado, ao que me deu mais detalhes sobre o antigo Barreiro. No entanto, ainda questionava: “respondi um pouquinho, né?”. Quando falei sobre a antologia e descrevi minha ideia para o conto, respondeu-me em concordância, balançando a cabeça. Quando comentou a minha ideia, só quis enfatizar o que fiz minha personagem repetir: “aqui era muito pior”. Ela queria que isso estivesse na história. Não me deu uma aprovação devidamente expressa ou um comentário crítico sobre a ideia para o conto, só a concordância silenciosa... Acho que se trata de humildade. Talvez as pessoas não fossem até ali para perguntar sobre o Barreiro ou simplesmente não perguntassem a ela. Mas eu perguntei, e só por isso escrevi um conto que talvez valha a pena. Se não valer, culpa minha!

Natal na Praça

Thais Medeiros

Foi o barulho dos estudantes que me acordou. Eles funcionavam como um alerta de que o dia já havia começado. Não era o calor do sol que batia no meu rosto às sete da manhã, mas os passos apressados daqueles meninos em direção à universidade, aquela já tão bem conhecida pelo nome e pelo prestígio que deu ao bairro desde que chegou aqui. Dela, só conheço o que vejo através dos portões. Eu, que não sei de muita coisa das letras além do que aprendi quando pequeno. Aqui mesmo, quando não havia nem sinal de que esse bairro viria a ser o que é hoje. Dizem que é um bairro universitário. Acho que ficou bonito esse jeito de chamar o Rosa. Mas o que conheço mesmo daqui é a praça. É nela que vejo muita coisa acontecer. Desde que decidi pelas ruas, a praça foi meu lugar de parada. Quando moço, gostava de ficar sentado olhando as mocinhas passarem com suas mãos em direção à igreja e imaginando que um dia iria me casar com uma delas.

Aquele céu aberto era um convite à soltura dos pensamentos e era tão bom enfeitar a vida com as tolices da juventude e suas promessas de prosperidade. Acho que é por isso que os jovens me despertam, eles me lembram de que o meu tempo passou, mas a força da juventude nos homens permanece inalterada. Nessa praça em que hoje desfilo as últimas linhas da minha vida, as memórias se acumulam. A maioria turvas devido ao desgaste que a bebida trouxe durante tantos anos de excesso; outras, sobreviventes ao tempo e vívidas como se tivessem acontecido há poucos

minutos. Como o dia em que conheci Tereza. Poucas coisas confortam o coração de um velho como a lembrança dos amores da mocidade, quando tudo ainda parecia possível. Até mesmo pra mim que nunca tive muitas regalias e facilidades, a vida vibrava com a força das primeiras emoções. Mas preciso parar um minuto. A lembrança de Tereza também é dura. Conhecer o amor para mim foi aceitar o risco da morte, a morte de um José que nunca mais voltou a ser como antes. Mas voltemos ao começo, que é onde eu estava. É que facilmente me perco quando penso nela, tão profundas foram as marcas que ficaram. Conheci Tereza num desses dias em que ficava na praça e a vi caminhando em direção à quermesse de mãos dadas com uma amiga. Precisei de duas horas para convencê-la a passear comigo, mas assim que toquei sua mão senti como se nós fôssemos os únicos. Naquele momento, o mundo todo se tornou apenas um detalhe perto dela. Tereza. As mãos de Tereza seguravam minha vida.

É bom que um velho, de vez em quando, se deixe afundar nas memórias que lhe trazem algum conforto. Quando acontece comigo, esse sentimento se confunde com a terrível percepção do tempo. O álcool transformou o José que existia. Depois que perdi Tereza, não havia motivo algum para continuar sendo quem eu era. O Rosa Elze inteiro chorou a morte dela. Naquele tempo todo mundo se conhecia e o progresso ainda não havia chegado. Se a universidade já tivesse aqui, talvez tivéssemos uma chance. Talvez houvesse a possibilidade de ir buscar ajuda com os médicos iniciantes... Mas eram outros tempos. Hoje, alguns dos estudantes passam por aqui. Os psicólogos fazendo suas pesquisas sobre os habitantes da praça, os aspirantes a escritores buscando histórias para compor seus contos literários. Antes era mesmo tudo muito diferente. Às vezes penso que eu mesmo poderia ter sido diferente, mas minha intensa relação com

o efêmero não me deixa lamentar aquilo que não pode mais ser recuperado: o tempo. Ainda assim, me sinto em casa nesse bairro que conheço desde sempre e permanece o mesmo dentro das minhas memórias. Com tanta história que daria um livro. Um livro que poderia ser escrito por um desses estudantes. Nesse mesmo dia não foi somente os estudantes que me acordaram; ouvi o barulho de algumas pessoas chegando à praça. Os passos foram ficando cada vez mais próximos até que pararam em mim. Primeiro vi o reflexo de um rosto feminino. Uma senhora de cabelos muito pretos começou a conversar comigo. Até achei estranho, já que poucas pessoas dão atenção a um morador de rua. Ela disse seu nome, se chamava Denny e me convidou para a festa que estava fazendo para os idosos do bairro. Antes da surpresa por estar sendo convidado para uma festa, me surpreendeu o fato de ser chamado de idoso. Há muito me tornara esse homem que parecia ser o último sobrevivente de um naufrágio. Mas ainda assim um sobrevivente, desses que nunca são abandonados pelos milagres que acontecem todos os dias. A festa era uma ceia de Natal e lembrei que há muito tempo não tinha nem ceia e nem Natal. A última foi no ano em que Tereza morreu. O ano em que comecei a beber. O ano em que tropecei no outro lado da realidade e vivi a grandeza e o desespero das ruas... Aceitei participar da festa quando soube que seria na praça. A moça e seu grupo enfeitaram todo o quarteirão. No fim da tarde, quando tudo se aquietara, voltei da minha diária caminhada pelas ruas em busca de latinhas. Num susto, mal reconheci a praça: estava toda decorada com enfeites natalinos e com uma grande mesa no centro. Contemplei durante algum tempo aquela quietude e me recordei da quermesse em que conheci Tereza.

A ceia não poderia ter sido mais bonita, meus companheiros também estavam lá, as crianças corriam atrás do Papai Noel, e Denny, muito feliz, distribuía os presentes para os idosos do bairro. Na felicidade de estar sendo visto, pensei ver Tereza. Como num *flashback*, voltei àquele mesmo lugar, quando era um homem de mãos dadas. Nesse momento, o que havia em mim era o reconhecimento da alegria tranquila e profunda que só as lembranças podem suscitar.



Jackson 2018

Denny mora no Rosa Elze há muitos anos e é conhecida por todos por promover uma festa de Natal para os idosos e crianças carentes do bairro. Nosso encontro aconteceu depois de muitas tentativas frustradas à procura de um morador que estivesse disponível para participar do projeto e, desde o início, percebi que era nas palavras daquela mulher onde minha história morava. Nossa entrevista foi fluida e tranquila como uma conversa entre duas amigas e os fatos de sua relação com o bairro foram contados com muito entusiasmo. A minha história surgiu de repente no que eu pensava ser o final da entrevista, quando Denny contou da festa de Natal que realiza com os idosos. Imediatamente percebi que era esse fato que ia virar um conto. O aspecto mais desafiador no processo de escrita da narrativa foi aliar ficção e realidade num conto que retratasse a grandiosidade do seu relato; a maior recompensa foi a felicidade em vê-la lendo um pouco da sua história sendo contada.

Acredito que o conto mudou e ampliou a percepção de Denny sobre o grande trabalho que ela faz, além de ter ajudado a dar voz a uma parcela da população tão tristemente silenciada.

Sobre os autores

Adauri José (Adauri José dos Santos Aracaju/Se, 1971) é formado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Sergipe (2016). Participou de eventos nas áreas de Literatura Brasileira, Literatura Inglesa, Filosofia e Educação. Atuou lecionando Língua Inglesa para crianças em escolas da rede particular (2017).

Giu Pereira (Giulia Pereira Santos, São Paulo/SP, 1999) vive em Aracaju desde os 7 anos de idade. Sempre teve gosto pela literatura e era a biblioteca ambulante entre os colegas de classe; por isso, decidiu pelo curso de Letras Português-Inglês e já está no 6º período.

Hellen Oliveira (Hellen Luciana de Oliveira, Poço Verde/SE, 1994) é formada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, é professora de Inglês no Programa Inglês sem Fronteiras.

Igor Gadioli (Igor Gadioli Cavalcante e Silva, João Pessoa/PB, 1985) é professor assistente Nível 2 da Universidade Federal de Sergipe, atuante na área de Letras e lotado no Departamento de Secretariado Executivo. É graduado em Letras com habilitação em Inglês (UFPB, 2008) e mestre em Linguística Aplicada (UFSC, 2012). Desenvolve pesquisas de caráter etnográfico e coordena um projeto em Escrita Criativa na UFS desde 2015.

Kamila de Oliveira (Kamila Katarine de Oliveira Santos, Aracaju/SE, 1995) é graduanda em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Sergipe e participou como bolsista remunerada no projeto de

extensão que deu origem a este livro “Entre a cidade e a academia: histórias da UFS em São Cristóvão”.

Katherine Albuquerque (Katherine de Albuquerque Mendonça, Aracaju/SE, 1998) é graduanda no curso de Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe e atua na área de Literatura como participante do grupo de estudos Literatura e Psicanálise. É membra do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos e bolsista pelo programa de monitoria, exercendo função de monitora nas disciplinas de Língua Portuguesa II e III.

Laís Carvalho (Maria Laís Carvalho Oliveira, Lagarto/SE, 1997) é graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. É bolsista do programa Residência Pedagógica. É participante do projeto de pesquisa “Doenças Literárias” e do grupo Laboratório de Estudos do Texto, Argumentação e Memória.

Pedro Paulo (Pedro Paulo da Silva Diniz, Aracaju/SE, 1997) é licenciando em História pela Universidade Federal de Sergipe e bígamo entre escrita e docência.

Thainná Melo (Thainná Melo Nunes, Aracaju/SE, 1999) é estudante de Letras Português-Inglês na Universidade Federal de Sergipe. É violoncelista na Orquestra Jovem de Sergipe, Orquestra Sinfônica da UFS e também na Orquestra de Cordas da UFS.

Thaís Medeiros (Thaís Santos Medeiros, Aracaju/SE, 1992) é graduanda em Letras Português-Inglês. Atua na área de Literatura e pesquisa a ficção de Clarice Lispector a partir de um viés filosófico. Também atua como professora de Língua Inglesa e participou como monitora do Cineclube Entreato da Universidade Federal de Sergipe.

Colaboradores

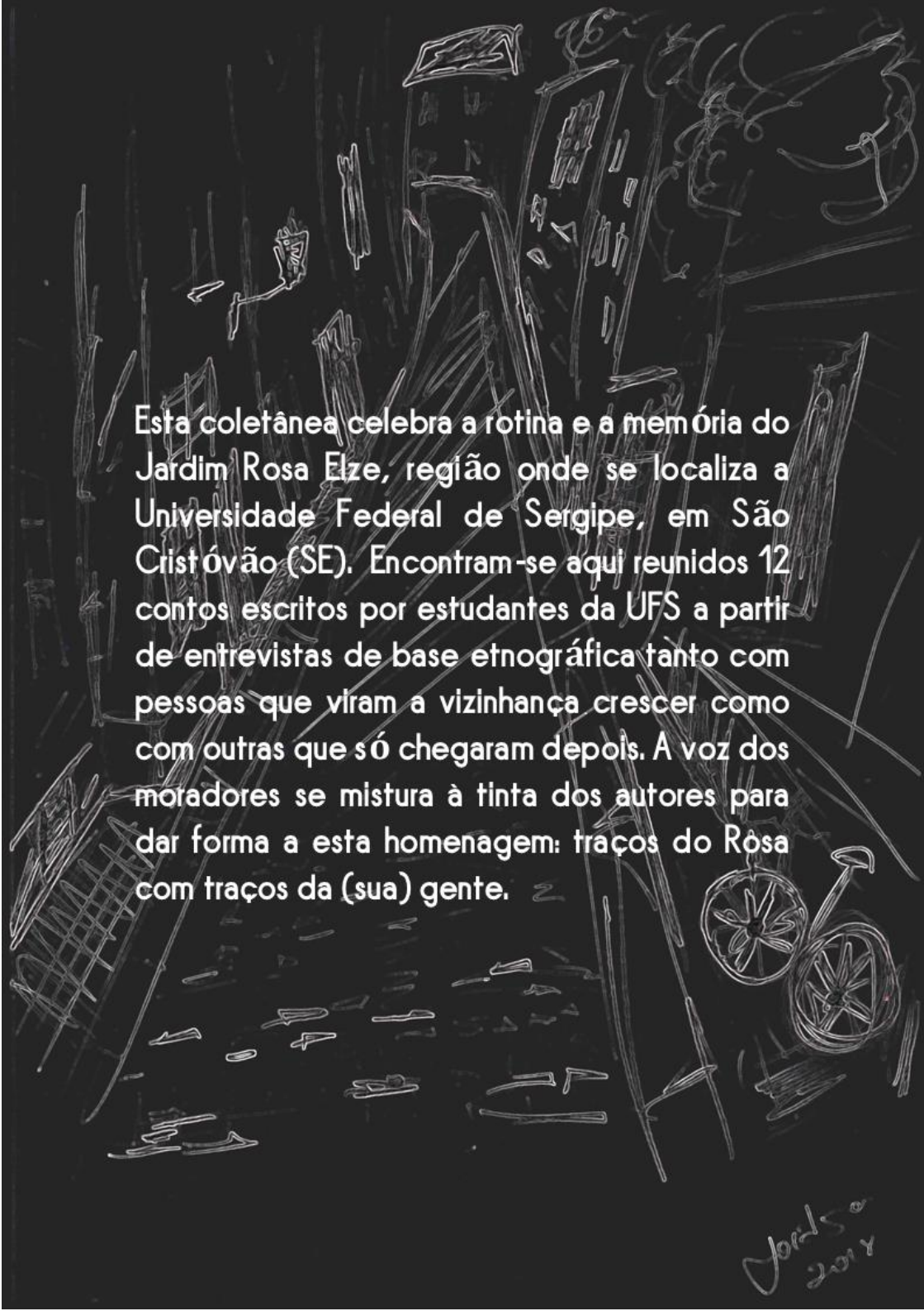
Cathy Martins (Ana Catarina Menezes Martins de Oliveira, Aracaju/SE, 1996) Possui licenciatura em Letras -Inglês pela Universidade Tiradentes, é graduanda em Secretariado Executivo pela Universidade Federal de Sergipe. Um de seus textos foi publicado na 2ª edição da Revista Intransitiva (UFRJ), é autora do perfil “Naufrágio em Alto Amar” nas redes sociais Instagram e Facebook, e do livro “Escolhas”.

Emilly Raiane (Emilly Raiane Santana Santos, Aracaju/SE, 1998), atualmente estudante de Secretariado Executivo, é também técnica em Administração. Apaixonada por livros e muito curiosa, adquiriu com o projeto da coletânea um grande apreço pela etnografia.

Joédson (Joédson Lima dos Santos, Itabi/SE, 1997) é graduando do curso de Artes Visuais- Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe e atualmente é Coordenador de Eventos do CENARTE (Centro Acadêmico De Artes). Já expôs seus trabalhos no Museu de São Cristóvão e em eventos como: Arvleria Exposição de Trabalhos Artísticos e Arte Para Ser Vista, sendo criador e curador de ambos, em parceria com colegas. Tem influências principalmente de artistas do movimento Realista, trazendo em suas obras a busca pela realidade através de problemas sociais e/ou políticos.

Rosinadja Morato (Rosinadja Batista dos Santos Morato, Pedrinhas/SE, 1973) é mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, administradora, licenciada em Letras Inglês e estudante de Sistemas de Informação pela UFS. Ex-bancária, servidora pública, esposa e mãe de 4 filhos, 4 gatos e 1 cachorro, tem na leitura e nos estudos a razão de existir.

Adora transitar entre as ciências aplicadas, humanas e exatas, porque a vida sem fronteiras é a melhor pauta de um conto.



Esta coletânea celebra a rotina e a memória do Jardim Rosa Elze, região onde se localiza a Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão (SE). Encontram-se aqui reunidos 12 contos escritos por estudantes da UFS a partir de entrevistas de base etnográfica tanto com pessoas que viram a vizinhança crescer como com outras que só chegaram depois. A voz dos moradores se mistura à tinta dos autores para dar forma a esta homenagem: traços do Rosa com traços da (sua) gente.

Jordão
2014